

GBA

Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano



5

Série Manuais de Critérios e Indicadores

©1999 Centro Internacional para Pesquisa Florestal (CIFOR)
Elaborado por AMS Digital Print +55 91 272-1215

Fotografia

Pássaro do Paraíso, por Alain Compost

Floresta queimando ao fundo, por Alain Compost

Um irianês segurando uma flecha, por Alain Compost

Flor Amarela, por Andy Gillison

Tradução

Glaucia Barreto

Revisão

Tatiana Corrêa

Diagramação da versão em português

Israel Gutemberg

Os autores agradecem a contribuição do sr. Benno Pokorny
pelo controle de qualidade deste manual.

ISBN: 979-8764-47-1

Publicado por

Centro Internacional de Pesquisa Florestal (CIFOR)

Caixa Postal: PO Box 6596 JKPWB, Jakarta 10065, Indonésia

Tel: +62-251-622 622 Fax: +62-251-622 100

Endereço eletrônico: cifor@cgiar.org

WWW: <http://www.cgiar.org/cifor>

Com o apoio da

Comissão Europeia

Sob linha orçamentária B7-6201 relativa a "Florestas Tropicais"

Bruxelas, Bélgica

Cooperação Técnica Alemã (GTZ) GmbH

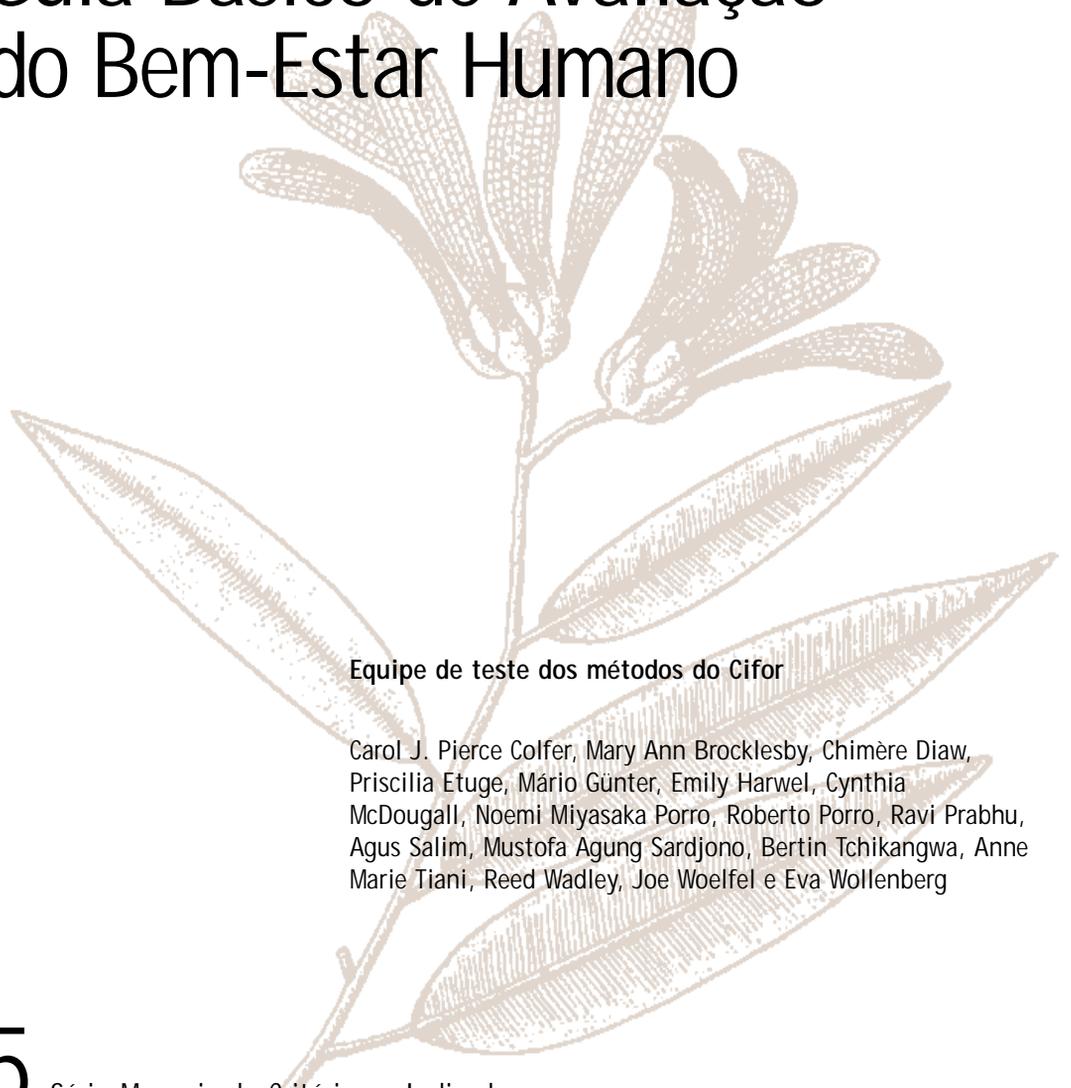
Eschborn, Alemanha

Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID)

Washington D.C., USA

GBA

Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano



Equipe de teste dos métodos do Cifor

Carol J. Pierce Colfer, Mary Ann Brocklesby, Chimère Diaw, Priscilia Etuge, Mário Günter, Emily Harwel, Cynthia McDougall, Noemi Miyasaka Porro, Roberto Porro, Ravi Prabhu, Agus Salim, Mustofa Agung Sardjono, Bertin Tchikangwa, Anne Marie Tiani, Reed Wadley, Joe Woelfel e Eva Wollenberg

5

Série Manuais de Critérios e Indicadores

Série Manuais de C&I



Manual C&I Nº.1.

Diretrizes para Desenvolver, Testar e Selecionar Critérios e Indicadores de Sustentabilidade do Manejo Florestal.

Prabhu, R., Colfer, C.J.P. e Dudley, R.G.



Manual C&I Nº.2.

Modelo Genérico de Critérios e Indicadores do Cifor.

Equipe de C&I do Cifor.



Manual C&I Nº.3.

IAMCI (Instrumento de Adaptação e Modificação de Critérios e Indicadores do Cifor) (CD-ROM + manual do usuário)

Prabhu, R., Haggith, M., Purnomo, H., Rizal, A., Sukadri, D., Taylor, J. e Yasmi, Y.



Manual C&I Nº.4.

Livro de Referência de Base de Dados dos Critérios e Indicadores (CD-ROM + manual do usuário)

McDougall, C., Isbadi, I.R., Santoso, L., Corless, M. e Purnomo, H. (eds.)



Manual C&I Nº.5.

GBA (Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano)

Colfer, C.J.P., Broklesby, M.A., Diaw, C., Etuge, P., Günter, M., Harwell, E., McDougall, C., Porro, N.M., Porro, R., Prabhu, R., Salim, A., Sardjono, M.A., Tchikangwa, B., Tiani, A.M., Wadley, R.L., Woelfel, J. e Wollenberg, E.



Manual C&I Nº.6.

Os Acessórios: Métodos Suplementares para Avaliar o Bem-Estar Humano

Colfer, C.J.P., Broklesby, M.A., Diaw, C., Etuge, P., Günter, M., Harwell, E., McDougall, C., Porro, N.M., Porro, R., Prabhu, R., Salim, A., Sardjono, M.A., Tchikangwa, B., Tiani, A.M., Wadley, R.L., Woelfel, J. e Wollenberg, E.



Manual C&I Nº.7.

Guia de Pontuação e Análise para Avaliar o Bem-Estar Humano

Salim, A. e Colfer, C.J.P. com McDougall, C.



Manual C&I Nº.8.

Quem é Mais Importante? Avaliação do Bem-Estar Humano no Manejo Florestal Sustentável

Colfer, C.J.P., Prabhu, R., Günter, M., McDougall, C., Porro, N.M. e Porro, R.



Manual C&I Nº.9.

Diretrizes para Aplicar a Análise dos Múltiplos Critérios para Avaliar Critérios e Indicadores

Mendoza, G.A. e Macoun, P. com Prabhu, R., Sukadri, D., Purnomo, H. e Hortanto, H.

Manual C&I Nº.10.

Metodologias para Avaliar os Indicadores Ecológicos de Sustentabilidade do Manejo Florestal (versão em desenvolvimento).

Índice

Manuais para Avaliar o Bem-Estar Humano nas Áreas de Exploração Madeireira	v
Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano	1
Nossos Melhores Palpites	7
A – Identificação dos Atores	13
1. Quem é Importante?	16
2. Análise Direcionada de Grupo	21
B – Avaliação da Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações (40%)	27
1. Matriz Histo-Ecológica	31
2. Mapeamento Participativo	34
3. Acesso aos Recursos por Geração: Método de Distribuição de Seixos ^{NT}	38
C – Avaliação dos Direitos e Meios para Manejar Florestas de Forma Cooperativa e Equitativa (30%)	45
1. Direitos/Meios para Manejar: Distribuição de Peças	51
D – Avaliação das Questões Restantes (30%)	59
E – Procedimento para Pontuação	65
Glossário	69
Bibliografia	75

^{NT} Este método inclui o uso de seixos ou qualquer objeto tal como pedras, sementes, grãos etc. a serem distribuídos em uma grade para uma dada classificação. A partir de agora chamaremos este método de “Distribuição de Peças”.



Manuais para Avaliar o
Bem-Estar Humano nas
Áreas de Exploração
Madeireira

Estes manuais são direcionados a pessoas e organizações que desejam avaliar a sustentabilidade de uma operação madeireira. Entre elas encontra-se uma ampla variedade de potenciais usuários (certificadores, empresas madeireiras públicas ou privadas, agências financiadoras, pessoas locais, governos, pesquisadores etc.). Embora os manuais sejam apropriados para avaliações únicas, eles também podem ser usados como parte de um programa de monitoração, contribuindo para o melhoramento das condições humanas e da floresta. Trabalhos anteriores realizados pelo Cifor e outros concluíram que, por razões práticas e éticas, o bem-estar das pessoas que vivem em áreas onde há exploração madeireira comercial (bem como onde há manutenção/intensificação das funções ecológicas) é crucial para o manejo florestal sustentável.

O desafio de avaliar o bem-estar humano de forma rápida, fácil e segura levou o Cifor a iniciar um estudo comparativo dos métodos das ciências sociais apropriados para tais avaliações (ver Colfer 1997). Os manuais de avaliação foram desenvolvidos com base nos resultados dos testes de métodos sistemáticos na República dos Camarões, Indonésia e Brasil, e em trabalhos suplementares em Trinidad e Tobago, Gabão e Estados Unidos. Para avaliar a sustentabilidade do manejo florestal, supomos que os avaliadores visitarão as bases de campo e vilas onde as empresas madeireiras estão localizadas, farão perguntas pertinentes às pessoas na área, examinarão os dados disponíveis das empresas e dos órgãos governamentais locais, bem como utilizarão os métodos aqui sugeridos.

Os manuais de avaliação são baseados num grupo de critérios e indicadores (C&I) desenvolvidos pelas equipes do Cifor em várias partes do mundo. Esses C&I globais pretendem servir como modelo a partir do qual a sustentabilidade de uma dada floresta pode ser medida (incluindo o bem-estar das pessoas que vivem na floresta ou ao seu redor). Idealmente, o conjunto global de C&I será adaptado às condições locais (ver IAMCI e outros componentes dos Manuais de C&I do Cifor sobre ferramentas de adaptação).

Embora nossa atenção esteja voltada para determinadas questões sociais, assumimos que as questões florestais ecológicas e convencionais também serão tratadas em qualquer avaliação de sustentabilidade em uma dada floresta. Além disso, recomendamos a inclusão de dados de referência espacial para que outras pessoas possam usá-los em possíveis aplicações de Sistemas de Informação Geográfica-SIG, bem como para facilitar a conexão com outros censos ou dados domiciliares. A fim de orientar a decisão dos usuários do manual sobre a sustentabilidade do manejo de uma floresta, sugerimos, com base em nossas experiências anteriores, uma série de etapas e um sistema de pontuação que pondera as questões sociais diferencialmente.

As melhores avaliações do bem-estar humano são usualmente feitas por cientistas sociais treinados. Entretanto, nem todas as partes interessadas em fazer tais avaliações terão necessariamente conhecimento em ciências sociais. Por esta razão produzimos dois manuais distintos: o *Guia Básico de Avaliação (GBA)* e os *Métodos Suplementares para Avaliar o Bem-Estar Humano (Os Acessórios)*.

O primeiro, o *Guia Básico de Avaliação (GBA)*, é como um “livro de receitas”. Embora este manual não represente o nosso ideal, acreditamos que ele pode orientar nos casos em que os avaliadores não são cientistas sociais qualificados. De qualquer forma, o avaliador deve apresentar:

- Habilidade e motivação para comunicação aberta e fluente com uma extensa variedade de atores, incluindo, particularmente, pessoas locais e trabalhadores;
- Acesso a tradutores quando necessário;
- Paciência para encorajar e solicitar informações de grupos menos visíveis como mulheres, povos indígenas e classes sociais baixas;
- Capacidade de ponderar informações de uma maneira imparcial, abstendo-se especialmente de defender qualquer grupo de ator em particular;

- Consciência das diferenças culturais e curiosidade sobre os sistemas de manejo locais; e
- Tempo suficiente no campo para fazer uma avaliação (o ideal é pelo menos um mês).

No *GBA* destacamos cinco etapas:

1. Identificação dos atores relevantes;
2. Avaliação da segurança de acesso aos recursos entre gerações;
3. Avaliação dos direitos e responsabilidades para manejar florestas de forma cooperativa;
4. Avaliação da saúde da floresta e dos atores florestais, bem como da integridade cultural; e
5. Um método resumido de pontuação.

A discussão subsequente a cada método fornece sugestões de amostragem e materiais necessários. O avaliador deve esforçar-se ao máximo para refletir a diversidade de atores na área com seus respectivos interesses, condições e preocupações. Entre eles estão mulheres, grupos étnicos marginalizados, grupos de idade sub-representada, pobres e outros freqüentemente ignorados. É importante considerar também as questões de representação, assegurando obter as opiniões da maior variedade de atores possível. Enfatizamos a importância de usar os idiomas locais sempre que possível. A avaliação será muito mais fácil e rápida se você usar um computador portátil. Os materiais necessários para cada método são, em sua maioria, de baixo custo (papel, canetas, peças para contagem (pedras ou sementes), folhas de papel grandes, canetas coloridas, cavaletes para explicações etc.).

Recomendamos que você leia todo o manual antes de iniciar o trabalho, pois se você estiver sensibilizado e preparado, as primeiras etapas podem contribuir para as seguintes.

O segundo manual, *Os Acessórios*, oferece um número de métodos suplementares, os quais consideramos úteis. Embora eles tenham sido considerados válidos pelos cientistas sociais em nossos testes de campo, eles foram retirados do “livro de receitas”, ou porque se sobrepuseram a outros métodos no *GBA*, ou porque eram difíceis para os cientistas não-sociais. É compreensível que os cientistas sociais qualificados provavelmente prefiram métodos de seleção que consideram apropriados em uma dada situação; de fato, pedir que eles sigam um procedimento prescrito tal como aquele proposto no *GBA* seria um desperdício de suas habilidades. A abordagem proposta no manual *Os Acessórios* permite exercícios consideráveis de julgamento profissional. Nossa intenção é que os cientistas sociais treinados examinem todos os métodos descritos e selecionem aqueles mais adequados para a área que está sendo avaliada.

Um outro manual de C&I estreitamente relacionado é o *Guia de Pontuação e Análise*. A seção que trata da pontuação oferece um método para sistematizar julgamentos qualitativos, assim todos os C&I são discutidos e avaliados. A seção que trata da análise pressupõe apenas o conhecimento básico sobre o uso de computadores e guia cuidadosamente o leitor através das etapas necessárias para analisar os dados quantitativos (por exemplo, a partir dos Métodos de Distribuição de Peças ou de Classificação com Cartões). O primeiro passo é a introdução de dados por meio dos métodos estatísticos que o usuário desejar utilizar. As explicações assumem o uso dos programas Microsoft Excel e SPSS.



Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano

Este “livro de receitas” é direcionado àqueles que desejam avaliar a sustentabilidade de uma floresta manejada para a extração comercial de madeira. O *GBA* reconhece a probabilidade de haver pessoas vivendo na área de extração madeireira ou ao seu redor e que o manejo sustentável nessa área deve considerar o bem-estar dessas pessoas. Este manual também assume a existência de procedimentos distintos de avaliação dos aspectos ecológicos e convencionais do manejo florestal.

Por causa da incerteza quanto às qualificações daqueles que seriam os usuários deste manual, nós o direcionamos a pessoas graduadas na área de ciências naturais ou equivalente. De fato esperamos que esses avaliadores também possuam experiência em ciências sociais. Quando esse for o caso, esperamos que os usuários façam pleno uso das alternativas e métodos suplementares oferecidos no manual “*Os Acessórios*” (partes relevantes do qual nos referimos no *GBA*).

O *GBA* foi planejado para ajudar você a coletar as informações necessárias para avaliar os princípios, critérios e indicadores listados abaixo. Nossa intenção é que você **mantenha esses P, C & I em sua mente todas as vezes** que empregar os métodos

Este manual destaca cinco etapas:

1. Identificação dos atores relevantes;
2. Avaliação da segurança de acesso aos recursos entre gerações;
3. Avaliação dos direitos e meios para manejar florestas de forma cooperativa e equitativa;
4. Avaliação da saúde dos atores florestais e da floresta, bem como da integridade cultural; e
5. Um método de pontuação.

esboçados abaixo. Isso ajudará você a fazer uma avaliação justa e exata do bem-estar humano local. Uma de suas primeiras ações é introduzir os Princípios, Critérios e Indicadores em uma planilha principal, preferencialmente em um computador, a qual você recorrerá e adicionará os dados durante o processo de avaliação (ver exemplos no *Guia de Pontuação e Análise*).

O método de pontuação é baseado em uma escala de 1 a 10, ponderada pela importância do princípio. O *Guia de Pontuação e Análise*, disponível na série manuais de C&I do Cifor, ensina como fazer essas avaliações qualitativas.

Recomendamos que você leia todas as etapas antes de começar sua avaliação.

Antes de iniciar esta jornada devemos fazer uma advertência. Os C&I sociais (e a avaliação do bem-estar humano de um modo geral) foram e continuam sendo o tópico mais problemático na tentativa de identificar os critérios e indicadores úteis. Ao desenvolver esses C&I, utilizamos uma abordagem interativa, que parte de um referencial conceitual (Colfer *et al.* 1995), testando os C&I em vários locais (Prabhu *et al.* 1996; Ministério Federal para o Meio Ambiente, Juventude e Família 1996; Colfer *et al.* 1996a, b; 1997a) e melhorando-os continuamente (Prabhu *et al.* 1998; Colfer *et al.* 1997b). Consideramos que os C&I listados por nós devam permanecer provisórios, mas que representem uma melhoria em relação às versões anteriores.

Anotamos várias conclusões importantes com base em nossos testes de campo em várias partes do mundo:

1. A variação dos C&I sociais propostos entre os sítios foi maior do que a variação dos C&I ecológicos ou silviculturais — refletindo a variedade humana e a dificuldade metodológica das avaliações do bem-estar humano.
2. O acordo foi maior nos níveis de princípio e critério do que nos níveis de indicador ou verificador, refletindo novamente as muitas manifestações do bem-estar humano e a probabilidade de que indicadores e verificadores podem sempre precisar de ajuste local.

3. Cada método que testamos precisou de alguns “ajustes” no trabalho de campo (por exemplo, idioma, identificação dos atores, produtos florestais relevantes). Acreditamos que este é um processo inevitável.

Nossa definição de sustentabilidade inclui manter ou aumentar o bem-estar humano e as funções ecológicas da floresta. O sistema de pontuação contido neste manual objetiva fornecer um terço da pontuação total na avaliação da sustentabilidade das operações de exploração madeireira. O objetivo é integrar a pontuação para o bem-estar humano às pontuações para o funcionamento ecológico e operações silviculturais convencionais (para outros manuais relevantes, ver série manuais de C&I do Cifor).

Na maioria dos métodos, optamos por tamanhos de amostras que não variam de acordo com o tamanho da população. Isso porque assumimos um período curto de trabalho de campo e consideramos que as representações da diversidade humana local são mais significativas do que as preocupações estatísticas. Todavia, se o tempo e os recursos permitirem, seria preferível o aumento do tamanho das amostras para as populações maiores (amostragem proporcional).

Um manual ideal forneceria um método específico para avaliar cada um dos indicadores identificados como importantes, os quais, por sua vez, poderiam ser somados proporcionando uma pontuação para cada critério. Ainda não atingimos esse estágio. Ao invés disso, apresentamos métodos que fornecem dados que podem contribuir para o entendimento crescente das questões identificadas nos C&I – particularmente em relação aos critérios, uma vez que esses têm-se mostrado mais amplamente aplicáveis do que os indicadores específicos. Pedimos aos avaliadores que façam estimativas aproximadas de cada indicador, com base no *Guia de Pontuação e Análise*, e as combine com a pontuação final de sustentabilidade. Continua sendo importante uma alta capacidade de julgamento pessoal no uso deste manual e na avaliação do bem-estar humano em geral.

Nossos Melhores Palpites



P1 O manejo florestal mantém ou aumenta o acesso equitativo aos recursos e benefícios econômicos entre gerações.

C1.1 O manejo local é efetivo no controle da manutenção e acesso aos recursos.¹

I1.1.1 A propriedade e os direitos de uso dos recursos (entre e intragerações) são claros e respeitam os direitos preexistentes.

I1.1.1 As regras e padrões de uso dos recursos são monitorados e efetivamente aplicados.

I1.1.3 Os meios para resolução de conflitos funcionam sem violência.

I1.1.4 O acesso aos recursos florestais é considerado justo localmente.

I1.1.5 As pessoas locais se sentem seguras em relação ao acesso aos recursos.

C1.2 Os atores florestais possuem uma parte justa dos benefícios econômicos derivados do uso da floresta.

I1.2.1 Os mecanismos para divisão dos benefícios são considerados justos pelas comunidades locais.

I1.2.2 As empresas madeireiras oferecem oportunidades de emprego e treinamento para as pessoas locais e aquelas que dependem da floresta.

I1.2.3 Os salários e outros benefícios seguem os padrões da Organização Nacional e ou Internacional do Trabalho (OIT).

I1.2.4 Os danos são compensados de forma justa.

I1.2.5 Os vários produtos florestais são usados de forma ótima e equitativa.

C1.3 As pessoas associam o seu futuro e o de seus filhos ao manejo dos recursos florestais.

I1.3.1 As pessoas investem em seu meio ambiente circundante (isto é, tempo, esforço, dinheiro).

I1.3.2 Os níveis de migração externa são baixos.²

I1.3.3 As pessoas reconhecem a necessidade de equilibrar o número de indivíduos com o uso dos recursos naturais.

I1.3.4 As crianças são educadas (formal e informalmente) para o manejo dos recursos naturais.

I1.3.5 A destruição dos recursos naturais pelas comunidades locais é rara.

I1.3.6 As pessoas mantêm vínculos espirituais ou emocionais com a terra.

1 Este critério está obviamente muito relacionado aos critérios que partem da perspectiva ecológica e formal do “manejo florestal”.

2 Os indicadores 1.3.2 e 3.1.2 contêm uma contradição potencial. Os baixos níveis de migração externa (I1.3.2) indicam que as pessoas relacionam o seu futuro e o de seus filhos à manutenção da floresta; contudo, o reconhecimento da necessidade de equilibrar o número de pessoas com o uso dos recursos naturais (I3.1.2) pode levá-los a favorecer a migração externa. Essa contradição provavelmente ocorrerá quando as condições locais estiverem se deteriorando.

P2 Os direitos e meios dos atores interessados para manejar florestas de forma cooperativa e equitativa são reconhecidos.

C2.1 Existem mecanismos efetivos para a comunicação entre os atores no que diz respeito ao manejo florestal.

I2.1.1 > 50% dos funcionários das empresas madeireiras e funcionários públicos do setor florestal falam um ou mais idiomas locais, ou > 50% das mulheres locais falam o idioma nacional.

I2.1.2 Os atores locais reúnem-se com frequência satisfatória, representação da diversidade local e boa qualidade de interação.

I2.1.3 As contribuições de todos os atores são respeitadas e valorizadas mutuamente em um nível de satisfação geral.

C2.2 Os atores locais possuem conhecimento detalhado e recíproco sobre o uso dos recursos florestais (incluindo grupos de usuários e o papel dos gêneros), bem como sobre os planos de manejo florestal anteriores a sua implementação.

I2.2.1 Existem planos/mapas demonstrando a integração de usos pelos diferentes atores.

I2.2.2 Planos atualizados, estudos de diagnóstico e mapas estão amplamente disponíveis. Esses documentos descrevem os detalhes da exploração, tal como as áreas de extração e a construção de estradas, além de incluir os aspectos temporais.

I2.2.3 Estudos de diagnóstico sobre os sistemas humanos locais estão disponíveis e são consultados.

I2.2.4 A equipe de manejo reconhece a legitimidade dos interesses e direitos dos outros atores.

I2.2.5 O manejo dos Produtos Florestais Não-Madeireiros (PFNMs) reflete os interesses e direitos dos atores locais.

C2.3 Existe acordo sobre os direitos e responsabilidades dos atores relevantes.

I2.3.1 O nível de conflito é aceitável para os atores.

P3 A saúde dos atores florestais e da floresta, bem como a integridade cultural são aceitáveis por todos os atores.

C3.1 Há um equilíbrio evidente entre as atividades humanas e as condições ambientais.

I3.1.1 As condições ambientais afetadas pelas atividades humanas estão estáveis ou melhorando.

I3.1.2 O aumento da migração interna e ou população natural está em harmonia com a manutenção da floresta.

C3.2 A relação entre o manejo florestal e a saúde humana é reconhecida.

I3.2.1 Os gerentes florestais cooperam com as autoridades de saúde pública no que diz respeito às doenças relacionadas ao manejo florestal.

I3.2.2 O estado nutricional é adequado entre as populações locais (por exemplo, o crescimento infantil segue os padrões internacionais de altura e peso; os níveis de mortalidade infantil de crianças menores de 5 anos são baixos).³

I3.2.3 Os empregadores das áreas florestais seguem os padrões de trabalho e condições de segurança da Organização Internacional do Trabalho - OIT- e responsabilizam-se pelos riscos florestais à saúde dos trabalhadores.

C3.3 A relação entre a manutenção da floresta e a cultura humana é reconhecida como importante.

I3.3.1 Os gerentes florestais compreendem as relações entre as culturas humanas relevantes e a floresta local.

I3.3.2 Os planos de manejo florestal consideram as questões culturais.

I3.3.3 Não há aumento significativo dos sinais de desintegração cultural.

3 O fato de este indicador não estar necessariamente relacionado ao seu critério é um exemplo das falhas neste terceiro princípio (ao contrário dos dois primeiros) resultantes da falta de teste sistemático de campo.



Identificação dos Atores⁴



⁴ No manual *Os Acessórios* fornecemos dois métodos adicionais para ajudar na avaliação: Matrizes de Wollenberg (1997) e Análise da Rede Neural CatPac de Woelfel.

O primeiro passo em qualquer procedimento de avaliação relacionado ao bem-estar humano em floresta manejada para a produção de madeira é identificar os atores relevantes. Responsabilizar uma empresa madeireira na África pelo bem-estar dos consumidores verdes^{NT} nos EUA não faz sentido. Entretanto, a idéia de as empresas madeireiras repartirem algumas responsabilidades para o bem-estar das pessoas em suas áreas imediatas é amplamente aceita. Desta forma, é necessária a correta identificação de tais “atores florestais” para fazer as avaliações subseqüentemente esboçadas neste manual.

Propomos um processo de dois estágios para identificar os atores relevantes no manejo florestal sustentável. O primeiro estágio⁵ é denominado Matriz “Quem é Importante”. Este método fornece uma maneira simples de selecionar os atores sobre os quais uma empresa deve focalizar sua atenção. O segundo método é denominado “Análise Direcionada de Grupo” (Projeto Camarões, 1996), o qual identifica na área quem são as pessoas consideradas importantes e por quê.

NT Consumidores que se preocupam com o meio ambiente.

5 Essa ordem pode ser alterada se o avaliador não puder identificar o repertório de participantes. Entretanto, em geral, verificamos que a identificação satisfatória necessária para a Matriz “Quem é Importante” pode ser desenvolvida facilmente com uma pequena ajuda das pessoas locais.

1. QUEM É IMPORTANTE?⁶

OBJETIVO

Identificar um pequeno grupo de atores intimamente ligados à floresta que necessita ser envolvido na avaliação e no manejo florestal. Serão coletados vários grupos de informações sobre esses atores florestais, a fim de serem utilizados na avaliação do bem-estar humano local.

MÉTODO

Este método inclui a criação de uma matriz (a qual exemplificamos na página 18). Na parte de cima da matriz estão listados os atores inicialmente identificados como importantes. Essa lista pode ser feita com base em conhecimento prévio, entrevistas com pessoas bem-informadas e literatura existente. Você pode melhorar seu entendimento sobre os possíveis atores em conversas informais com membros do governo local e da comunidade. Ao lado direito da matriz estão listadas sete dimensões: proximidade, direitos preexistentes, dependência, pobreza, conhecimento local, integração floresta/cultura e déficit de poder – definidas nos quadros nas páginas 19 e 20.⁷ Essas dimensões refletem a importância da floresta para as pessoas.

PONTUAÇÃO

Quando os atores e os grupos de usuários estiverem listados na parte de cima da página, pontue cada um, considerando o grau para cada dimensão conforme quadro a seguir.

1	=	alto
2	=	médio
3	=	baixo
"var"	=	variável

6 Este método é descrito com mais detalhe em Colfer *et al.* (1999).

7 Há algumas discussões sobre a combinação do "conhecimento local" com a "integração floresta/cultura". Embora não tenhamos feito essa combinação, ela pode fazer sentido em alguns contextos. A dimensão "pobreza" tem sido eliminada em alguns testes de métodos; e "conservação ética" tem sido considerada como uma possível dimensão a ser incluída.

O processo de pontuação envolve fazer uma estimativa com base em suas primeiras observações e nas opiniões das pessoas com quem você se reúne. A pontuação média para cada coluna (exceto a pontuação “variável”) é computada na parte de baixo de cada tabela. Em nossa experiência, a pontuação mínima para definir quem é importante tem sido uma pontuação menor que 2. Discuta essas estimativas com outros e revise-as adequadamente.

A facilidade dos métodos restantes apresentados neste manual depende, em parte, da posse de um número razoavelmente pequeno de grupos importantes (daqui por diante chamados “atores florestais”) – o ideal seria de três a sete grupos. Examine o seu conjunto de categorias de grupo de usuários/atores de forma crítica, verificando se é possível combinar com segurança qualquer um deles. Examine também se você considerou a diversidade humana mais importante. Faça uma seleção final dos atores florestais, cujo bem-estar você continuará avaliando.

FICHA DE AMOSTRA

Exemplo da Costa do Marfim

ATORES

Dimensões	Agnis (indígenas)	Trabalhadores florestais	Allochtones (ebúrneos)	Allogens (forasteiros)	Tacherons (empregueiros)	Funcionários públicos do setor florestal	Cidadãos nacionais	Executivos da empresa	Ambientalistas	Consumidores
Proximidade	1	1	1	1	2	3	3	3	3	3
Direitos Preexistentes	1	var	2	3	var	2	2	3	3	3
Dependência	1	1	1	1	2	1	3	1	3	3
Pobreza	1	1	1	1	2	3	var	3	var	var
Conhecimento tradicional	1	2	2	2	2	3	3	3	3	3
Integração floresta/cultura	1	2	2	2	var	3	2	3	2	3
Déficit de poder	2	1	1	1	2	3	var	3	3	var
VALOR	1,14	1,33	1,43	1,57	2,0	2,57	2,60	3,17	2,83	3,00

1 =alto, 2 = médio, 3 = baixo

DEFINIÇÕES

1. Proximidade

Quanto à proximidade, queremos simplesmente dizer proximidade à floresta. Reconhecemos que as pessoas que vivem próximo da floresta têm potencial para causar impacto significativo sobre ela. Assim, a população com fácil acesso à floresta pode ser envolvida de forma vantajosa no manejo florestal. No entanto, as pessoas que se consideram injustamente excluídas da vizinhança da floresta são capazes de degradá-la direta ou indiretamente. Portanto, alguns pesquisadores sugeriram incluir nesta dimensão a proximidade emocional e física das pessoas com a floresta, dado que em alguns casos aqueles que se importam com a floresta agem sobre ela (algumas vezes à distância).

2. Direitos preexistentes

Em muitos lugares, florestas ameaçadas estão sujeitas a conflitos sobre a posse da terra e até mesmo a paradigmas conflituosos sobre o significado de propriedade e uso da terra. Às vezes, comunidades que ocuparam uma dada área durante décadas, séculos ou mesmo milênios tiveram seus direitos tradicionais usurpados ou severamente comprometidos em épocas recentes. Se existem tais pessoas na floresta ou próximo a ela, é importante reconhecer os seus direitos de forma ética e prática. A justiça requer que os direitos das pessoas à floresta sejam reconhecidos e respeitados. De um ponto de vista puramente prático, a injustiça percebida pode levar a uma variedade de problemas, desde ao desrespeito às políticas florestais até ao aumento de conflitos, vandalismo e violência.

3. Dependência

Em muitas áreas florestadas existem comunidades dependentes da floresta para uma variedade de bens e serviços. Por exemplo, as pessoas podem sobreviver da caça, pesca, coleta de alimentos, remédios e fibras, ou da prática de agrosilvicultura. Também é comum as pessoas terem poucas alternativas reais para o seu modo de vida atual (reconhecendo que isso pode mudar, naturalmente). As necessidades das pessoas cujo sustento depende da floresta devem ser incorporadas ao manejo florestal sustentável. Eticamente, o acesso das pessoas ao alimento é uma consideração importante. Em termos práticos, as pessoas cujos filhos estão famintos porque lhes foi negado o acesso à floresta podem não respeitar as suas fronteiras.

4. Pobreza

Este conceito contém muitas falhas por causa dos seus diferentes significados em várias partes do mundo. Nesse contexto, a nossa preocupação é diferenciar aqueles que usam a floresta para sobrevivência (como um Dayak ou um agricultor transmigrante em Kalimantan; ou um pigmeu Bakolo ou um agricultor Bantu na República dos Camarões) daqueles que usam a floresta apenas para aumentar a sua renda já satisfatória (como um magnata da madeira ou um funcionário público do setor florestal).

5. Conhecimento Local

As pessoas que vivem em áreas florestadas frequentemente possuem conhecimento único e útil baseado em suas longas experiências locais. Tal conhecimento pode estar relacionado a animais e seus comportamentos, plantas e seus manejos, usos de vários produtos, técnicas para processar produtos florestais etc. O conhecimento local tem valor em si, dada a nossa comparativa falta de conhecimento sobre a ecologia da floresta (particularmente sobre a floresta tropical). Além disso, ele é importante na medida em que pode incorporar, de forma ativa e vantajosa, as pessoas locais no manejo florestal. Assim, o reconhecimento e o uso externo desse conhecimento podem servir como ferramentas para capacitar as pessoas locais e aumentar a comunicação e cooperação entre elas e outros manejadores florestais.

6. Integração Floresta/Cultura

As culturas (ou modos de vida) – incluindo aquelas das comunidades de áreas florestadas – tendem a estar intimamente ligadas aos seus ambientes. Podemos encontrar sítios sagrados dentro da floresta; sistemas simbólicos que dão significado à vida e estão intimamente atados ao senso de si mesmo dos indivíduos; funções de garantia que as plantas da floresta exercem durante épocas de escassez; e muitos outros vínculos. A perda da floresta representa uma ameaça à cultura da população, uma vez que o seu estilo de vida é integrado a ela. Além disso, o repertório humano de diversidade cultural é empobrecido. O bem-estar humano é frequentemente afetado de forma adversa pela desintegração cultural.

7. Déficit de Poder

Em muitas áreas, as pessoas que vivem na floresta ou próximo a ela possuem comparativamente pouco poder em relação a outros atores. O poder pode estar baseado em educação, riqueza, relações com o governo ou autoridades locais. Onde existe a falta de poder local há o risco de a floresta ser afetada de forma adversa, uma vez que as pessoas não terão os meios para proteger seus recursos das forças externas. O resultado pode ser a degradação ambiental e a redução do bem-estar humano. Outro elemento a ser considerado no debate sobre o poder diz respeito às pessoas cujo conhecimento é “importante”. O silêncio comum de algumas vozes da população tem um número de efeitos potencialmente perigosos. Por exemplo, a redução da sua capacidade e boa vontade em participar do manejo florestal cooperativo ou a redução de acesso dos gerentes florestais formais^{NT} a conhecimentos úteis.

NT O termo “gerentes florestais formais” refere-se aos profissionais especializados que aplicam a forma de manejo reconhecida oficialmente, a qual geralmente envolve métodos científicos.

2 – ANÁLISE DIRECIONADA DE GRUPO

OBJETIVOS

- Fornecer a confirmação sistemática dos atores e grupos de usuários locais;
- Avaliar as percepções locais sobre a distribuição do poder entre os grupos⁸; e
- Obter uma visão qualitativa geral do uso da floresta e tendências na área.

MATERIAIS

Adapte a ficha fornecida a seguir para o seu contexto local e prepare cópias suficientes para cada reunião que você planeja. São necessários cavaletes e folhas grandes de papel. Alguns pesquisadores têm usado gravadores (entretanto, o tempo de transcrição dos diálogos é considerável).

PARTICIPANTES

A identificação dos atores é parte do processo de avaliação interativa. O preenchimento da Matriz “Quem é Importante” é um primeiro passo provável. Através de conversas informais com membros do governo local e da comunidade você pode melhorar o seu entendimento sobre os possíveis atores. Para uma dada comunidade, planeje organizar pelo menos três grupos de talvez dez pessoas cada. Os grupos podem ser separados desta forma: homens/mulheres, idosos/adultos/jovens, agricultores/pastores/caçadores-coletores, trabalhadores de empresas madeireiras/membros da comunidade local/funcionários públicos do setor florestal, ou outros, dependendo das diferenças localmente significativas entre as pessoas e os padrões de interação. É importante lembrar que em muitos grupos as mulheres não se sentem dispostas a falar diante dos homens; caso em que são necessários grupos separados. A colaboração das mulheres é necessária e freqüentemente precisa de atenção especial. Para mais idéias

8 Esta informação adicional sobre poder pode ser importante para confirmar as conclusões obtidas da Matriz “Quem é Importante”. A avaliação das diferenças de poder tem sido particularmente difícil.

sobre a variação sociodemográfica, ver Matriz de Wollenberg no manual “*Os Acessórios*”. Não será possível cobrir todas as diferenças sociais importantes neste único método.⁹

MÉTODO¹⁰

O grupo de análise direcionada é organizado em torno de uma série de questões e ou problemas. Essas questões e problemas são introduzidos diretamente nas duas fichas (identificadas entre colchetes após cada questão/problema) apresentadas no final desta seção. Embora versões levemente ampliadas dessas fichas tenham sido consideradas úteis na República dos Camarões (Brocklesby *et al.* 1997), outros pesquisadores têm-nas simplificado. Talvez isso seja necessário em suas áreas.¹¹

Sugerimos os seguintes problemas/questões. Entretanto, novamente pode ser necessário adaptá-los à variação das condições locais.

- Liste os grupos mais envolvidos no uso e manejo da floresta e classifique-os em ordem decrescente de importância. [Fichas de impactos e poder]
- Por que essas pessoas são consideradas importantes? [Ficha de impacto]
- Quais são as atividades importantes (prejudicial/proveitosa para o ambiente?) desse grupo de usuários?¹² [Ficha de impacto]
- Quais seriam os impactos da inclusão ou exclusão dessas pessoas no manejo formal da floresta? [Ficha de impacto]
- Determine os interesses dos grupos e classifique-os mostrando a direção da mudança no futuro. [Fichas de poder e interesse]

9 Tchikangwa *et al.* (1998) selecionaram comunidades locais e funcionários de projetos de conservação. Eles conseguiram obter uma visão clara das diferentes percepções desses grupos (compare Critérios 2.3, “Existe acordo sobre os direitos e responsabilidades dos participantes relevantes”).

10 Nós nos baseamos em IUCN 1997:132-3 e Brocklesby *et al.* (1997). O método foi adicionalmente testado por Diaw *et al.* 1998; McDougall 1998; Porro e Porro 1998; Sardjono *et al.* 1997; Tchikangwa *et al.* 1998 e Tiani *et al.* 1997.

11 McDougall (1998), por exemplo, constatou que a diferenciação entre importância e poder pode ser difícil no campo. Além disso, verificou que é difícil distinguir atividades e interesses.

12 Regulamentação de caça, definição das fronteiras e mecanismos de monitoração seriam exemplos de atividades com impactos positivos; derrubar uma árvore para coletar seus frutos, pescaria elétrica e exploração insustentável são exemplos de atividades com impactos negativos.

- Classifique o poder dos grupos e indique a direção da mudança no futuro. [Fichas de poder /interesses]

Nas reuniões, explique para o grupo os propósitos do encontro. Essas questões são freqüentemente delicadas e devem ser tratadas com cuidado.

Se possível, uma pessoa deveria moderar a reunião, enquanto a outra tomaria notas. Se não, o uso de um gravador é uma alternativa. No entanto, Tchikangwa *et al.* (1998) verificaram que o tempo de transcrição do diálogo é uma “desvantagem” significativa dessa abordagem. McDougall (1998) e Porro e Porro (1998) recomendam o uso de cavalete e folhas grandes, pois perceberam que esses materiais deram às pessoas um sentimento de propriedade e envolvimento na divisão de um produto. Quando há um número significativo de pessoas analfabetas nos grupos, pode ser importante fazer desenhos nas folhas ao invés de usar palavras. Diaw *et al.* (1998) observaram que esse é um processo de capacitação das pessoas locais.

Boas habilidades de mediação são importantes para conduzir a reunião. A capacidade de controlar os participantes excessivamente falantes e estimular os silenciosos é crucial e pode fazer a diferença entre um Grupo de Análise Direcionada bem-sucedido e um mal-sucedido. Uma sessão deve durar apenas aproximadamente uma hora, definitivamente não mais do que duas horas, bem como deve ser agradável para os participantes.

ANÁLISE E USO SUBSEQÜENTE

Enquanto você preenche as fichas (*sobre impactos e poder*) após a reunião, reveja cuidadosamente suas anotações de acordo com seu contexto. Em seguida, após o preenchimento das fichas, com base em suas discussões, verifique com alguns participantes se você entendeu corretamente as intenções do grupo. Se o tempo for limitado, Tchikangwa *et al.* (1998) recomendam o preenchimento das fichas durante as sessões de grupo.

Este processo deve dar a você um bom entendimento dos principais atores no ambiente local, bem como algumas sugestões sobre as tendências nessa área.

Pontos fortes (+) e Fracos (-) da Análise Direcionada de Grupo

- + Os participantes (especialmente os grupos vulneráveis) podem sentir-se mais livres para conversar quando estão em um grupo de pessoas similares.
- + A interação do grupo enriquece a qualidade e a quantidade de informações fornecidas.
- + Diferentes pontos de vista entre os diferentes grupos na comunidade podem ser identificados.
- O mediador precisa ser capaz de estimular a interação do grupo durante a entrevista.
- A ferramenta requer que o condutor da análise interprete as respostas dos participantes.
- As pessoas podem sentir-se relutantes em dividir suas opiniões com um estranho, e algumas respostas podem não estar inteiramente exatas. Usualmente, no início do processo, é necessário estabelecer confiança com o mediador e dentro do grupo, a fim de coletar informações válidas e completas.

Extraído de IUCN 1997.

FICHA DE AMOSTRA

**Ficha de Análise Direcionada de Grupo
[I m p a c t o s]**

Ator/grupo de usuários	Por que esse grupo é importante?	O que esse grupo principal de usuários faz?			
		Atuam no manejo florestal	Atividades positivas	Atividades negativas	Impactos

FICHA DE AMOSTRA

Ficha de Análise Direcionada de Grupo
[Interesses / Poder]

Ator/grupo de usuários	Interesse				Poder		
	Relatado	Classificação	Mudança	Razões	Classificação	Mudança	Razões
Pigmeus	Acesso a áreas de caça Acesso a plantas medicinais	5	-		1	-	
Bantus	Plantações de amendoim Acesso à caça Campo de pousio de caça (floresta secundária)	4 3 7	- - -		3 2 2	- - -	
Empresa madeireira	Exploração de madeira Carne de caça	1 1	- +		9 7	= +	
Projeto de conservação	Proteção dos Gorilas	10	=		3	=	

Sob Interesse:

Classificação: 10 significa que a atividade/papel do ator na floresta é favorável ao MFS.

1 significa que a atividade ou papel desempenhado pela pessoa na floresta não é favorável ao MFS.

Mudança: uma estimativa da probabilidade e direção da mudança dos papéis dos atores no futuro, no MFS.

Sinal de adição (+) significa que a atividade do ator será favorável, de modo crescente, ao MFS.

Sinal de subtração (-) significa que a atividade do ator interferirá, de modo crescente, no MFS.

Sinal de igualdade (=) significa que a atividade do ator não mudará.



B

Avaliação da Segurança de
Acesso aos Recursos entre
Gerações (40%)

A alocação de 40 por cento dos pontos para esta série de critérios e indicadores reflete nossa conclusão de que a Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações (SARE) é uma questão fundamental no manejo florestal sustentável. Essa avaliação reflete as nossas percepções de que:

- A proporcionalidade contínua dos recursos florestais é de grande interesse para as pessoas que dependem desses recursos;
- As pessoas que têm a segurança de acesso aos recursos florestais locais tendem a cuidar mais dessas florestas, tanto para si como para seus descendentes; e
- As pessoas que sentem que estão recebendo uma parte justa na divisão dos benefícios florestais provavelmente causarão um efeito positivo sobre elas.

Todavia, essa porcentagem não é fixa e os avaliadores devem adaptá-la quando necessário. Orientação para pontuação está disponível no *Guia de Pontuação e Análise*.

No quadro a seguir você encontrará um conjunto de C&I relacionados à Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações.

PRINCÍPIOS, CRITÉRIOS E INDICADORES PROPOSTOS SOBRE SEGURANÇA DE ACESSO AOS RECURSOS ENTRE GERAÇÕES

P1 O manejo florestal mantém ou aumenta o acesso equitativo aos recursos e aos benefícios econômicos entre gerações (Valor total = 40%)

C1.1 O manejo local é efetivo no controle da manutenção e acesso aos recursos.

I1.1.1 A propriedade e os direitos de uso dos recursos (entre e intragerações) são claros e respeitam os direitos preexistentes.

I1.1.2 As regras e padrões de uso dos recursos são monitorados e efetivamente cumpridos.

I1.1.3 Os meios de resolução de conflitos funcionam sem violência.

I1.1.4 O acesso aos recursos florestais é considerado justo localmente.

I1.1.5 As pessoas locais sentem-se seguras em relação ao acesso aos recursos.

C1.2 Os atores florestais possuem uma parte justa dos benefícios econômicos derivados do uso da floresta.

I1.2.1 Os mecanismos para divisão dos benefícios são considerados justos pelas comunidades locais.

I1.2.2 As empresas madeireiras oferecem oportunidades de emprego e treinamento para as pessoas locais e aquelas que dependem da floresta.

I1.2.3 Os salários e outros benefícios seguem os padrões da Organização Nacional e ou Internacional do Trabalho (OIT).

I1.2.4 Os danos são compensados de forma justa.

I1.2.5 Os vários produtos florestais são usados de forma ótima e equitativa.

C1.3 As pessoas associam o seu futuro e o de seus filhos ao manejo dos recursos florestais.

I1.3.1 As pessoas investem em seu meio ambiente circundante (isto é, tempo, esforço, dinheiro).

I1.3.2 Os níveis de migração externa são baixos.

I1.3.3 As pessoas reconhecem a necessidade de equilibrar o número de indivíduos com o uso dos recursos naturais.

I1.3.4 As crianças são educadas (formal e informalmente) para o manejo dos recursos naturais.

I1.3.5 A destruição dos recursos naturais pelas comunidades locais é rara.

I1.3.6 As pessoas mantêm ligações espirituais ou emocionais com a terra.

Os três métodos a seguir ajudarão você a avaliar o componente Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações - SARE: Matriz Histo-Ecológica, Mapeamento Participativo e Acesso das Gerações aos Recursos (Método de Distribuição de Peças).¹³ Abaixo discutimos cada método separadamente.

1 - MATRIZ HISTO-ECOLÓGICA

(ADAPTADA DO PROJETO DA REPÚBLICA DOS CAMARÕES E DE ANNE MARIE TIANI)¹⁴

OBJETIVOS

- Avaliar as mudanças na disponibilidade dos diferentes recursos locais ao longo do tempo, com projeções das tendências para o futuro (**Critérios 1.1 e 1.3**); e
- Tornar explícito o uso, regulamentação e o acesso aos recursos (**Critério 1.1**)

PARTICIPANTES

Selecione grupos de cinco a dez participantes inicialmente com base nas categorias de atores florestais que você identificou anteriormente. Ao decidir o número necessário de grupos, lembre da importância de refletir as opiniões dos homens e mulheres, dos idosos e jovens, dos pobres e ricos e dos grupos étnicos locais relevantes. Novos locais podem revelar novas diferenças que precisam ser incluídas, logo esteja alerta para essa possibilidade.

MATERIAIS

Você construirá uma matriz. O ideal é utilizar uma folha de papel contendo o desenho de uma grade grande o bastante para as pessoas distribuírem as peças para contagem entre as células. Você precisará de cem peças.¹⁵

13 Ver também Método de Distribuição de Peças, listado na seção seguinte.

14 O Projeto Florestal da Montanha Kilum, a noroeste da província dos Camarões, também apresentou esse método em um seminário, em novembro de 1995.

15 Qualquer objeto pequeno de tamanho adequadamente uniforme é aceitável para esta atividade. Diaw, por exemplo, usou castanhas; a equipe de Sardjono, botões; McDougall, milho seco; Porro e Porro, sementes de cacau. Essa é uma oportunidade para criatividade e adaptação local!

MÉTODOS

Farão parte do grupo a sua equipe de avaliadores (um mediador e um anotador) e representantes do grupo específico de atores florestais. Tente identificar as datas de alguns eventos locais significativos ocorridos na área antes do encontro, assim você poderá ajudar aqueles que não são práticos em lembrar datas.¹⁶

- Explique às pessoas que você está interessado em entender como o acesso aos recursos está mudando ao longo do tempo.
- Peça às pessoas, em cada grupo, que listem quatro recursos existentes na área, os quais elas consideram importantes. Esses recursos provavelmente irão diferir entre si de acordo com o gênero, grupo étnico etc.
- Prepare a matriz, colocando na parte de cima da folha, em intervalos de aproximadamente cinco anos, as datas passadas (ou eventos locais relevantes). Na parte de baixo da margem esquerda coloque os recursos importantes. Inclua datas no futuro (de pelo menos cinco anos e vinte anos).¹⁷
- Dê as cem peças para o grupo e peça para que ele as distribua ao longo dos anos (usando cem peças para cada coluna ou cada recurso). As cem peças representam aquele recurso ao longo do tempo.
- Peça para que o grupo explique por que distribuiu as peças de tal maneira e anote essa informação, mantendo em sua mente os C&I que você está tentando avaliar. Além disso, anote em uma folha de papel como o grupo distribuiu as peças. Mais tarde você utilizará essas informações.

Enquanto as pessoas discutem essas questões, tente manter os C&I em mente, tomando nota de exemplos de evidência e caso relacionados aos C&I. Mais tarde você pode introduzir esses dados em sua planilha principal de C&I. Muitas vezes, as informações mais úteis para sua avaliação surgem na forma de um

16 McDougall (1998) adverte que o avaliador deve conhecer a história local. Parte das pessoas da comunidade que ela estava avaliando era proveniente de outras áreas, em alguns casos trazendo o nome da vila com elas. Esse grupo teve de ser isolado antes de os resultados exatos serem obtidos.

17 Günter (1998), trabalhando em Trinidad e Tobago, descobriu que os seus respondentes estavam descontentes com a abordagem de distribuição de peças. Assim, ao invés dessa abordagem, ele utilizou um questionário. Para chegar nos aspectos longitudinais de sustentabilidade, ele perguntou “Qual você pensa que era (é, será) a área total de floresta natural em Trinidad e Tobago (em % da área total de terra)? em 1960__? Hoje__? e 2040__?”. Ele concluiu essa série de questões perguntando “Qual é a base para a sua estimativa: área reduzida de floresta ou restrições de manejo?” (comunicação pessoal em 12/97).

comentário lateral sobre o qual você não soube perguntar. Os resultados refletem as percepções das pessoas sobre as tendências de disponibilidade dos recursos. Por isso é extremamente importante que os avaliadores não emitam suas próprias opiniões, a fim de reduzir suas influências sobre os resultados.

TEMPO REQUERIDO

Uma média de duas horas para uma sessão de treinamento de dois mediadores. Meia hora por entrevista de grupo, durante a qual uma matriz é preenchida para os quatro recursos.

ANÁLISE E PONTUAÇÃO¹⁸

Este é um processo de três estágios. Primeiro, você deve lidar com os dados da distribuição de peças. É necessário, portanto, introduzir esses dados na própria planilha de distribuição. Nela você registrará os dados de distribuição de peças de cada grupo. Esses dados mostrarão as tendências relacionadas aos recursos ou produtos selecionados.

A seguir, introduza a lista dos C&I (página 30) em uma planilha (não em sua planilha principal). Considere as informações que você anotou durante a discussão. Digite em uma versão abreviada os casos e evidências que você coletou sob os critérios e indicadores apropriados. Por exemplo, se você conseguiu informação sobre os regulamentos locais, liste-a sob o **Indicador 1.1.2**. Se as pessoas mencionaram atividades como construção de igrejas ou mesquitas, isso seria um exemplo do **Indicador 1.3.1** (pessoas investindo em seu ambiente circundante). Não esqueça de registrar a fonte de sua informação.

Finalmente, pontue de 1 (o menos útil para sustentabilidade) a 10 (o mais útil para sustentabilidade) cada caso ou evidência. Introduza a pontuação para cada informação em sua planilha principal sob os critérios ou indicadores relevantes.

18 Para um entendimento completo da Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações - SARE, Porro e Porro (1998) sugerem uma comparação desses resultados com aqueles do Método de Distribuição de Peças sobre o "acesso aos recursos entre gerações" (*Os Acessórios*). Orientação adicional para a análise desses dados está disponível no *Guia de Pontuação e Análise*.

MATRIZ DE AMOSTRA

Esta matriz de amostra reflete uma versão anterior desse método, na qual nós não incluímos datas no futuro. É importante que você inclua pelo menos mais duas colunas, com datas daqui a cinco e vinte anos. Porro e Porro (1998) consideram que seis datas é o número prático máximo.

Tabela 1: Agricultoras Nativas

Recurso	1962	1967	1972	1977	1982	1987	1992	1997	2002	2017	Total
Palmeiras	2	4	8	13	15	17	19	22			100
Carne bovina	25	22	20	15	8	5	3	2			100
<i>Egusi</i>	1	2	3	5	14	20	25	30			100

(Adaptado de Brocklesby *et al.* 1997).

2 – MAPEAMENTO PARTICIPATIVO¹⁹

OBJETIVOS

- Extrair as percepções das pessoas sobre os direitos e responsabilidades relacionados aos recursos locais (**Critérios 1.1 e 1.3**); e
- Esclarecer como funcionam os sistemas locais de manejo dos recursos (incluindo regras, monitoração, penalidades, resolução de conflitos etc.) (**Critérios 1.1 e 1.2**).

PARTICIPANTES

Selecione grupos de cinco a dez participantes, preferivelmente representando uma mistura de diferentes atores florestais (incluindo jovens e idosos, diferentes grupos étnicos e diferentes ocupações). Com base em nossa experiência, concluímos que os grupos separados por gênero trabalham melhor. O exercício de confecção do mapa é freqüentemente mais informal e cômodo do que os outros métodos, e a interação de diferentes perspectivas pode trazer questões importantes para a avaliação. Avalie sua experiência e verifique se há categorias de indivíduos que são silenciosos (tais como grupos étnicos marginalizados, classes sociais mais baixas). Pode ser necessário fazer exercícios separados de mapeamento com eles. Selecione *grupos diferentes* e mais *heterogêneos* que os selecionados para o método da Matriz Histo-Ecológica.

MATERIAIS

As pessoas podem desenhar os mapas em folhas grandes de papel ou em “transparências” (para sobreposição de diferentes questões), ou simplesmente no chão (e em seguida transferi-los para o papel). Ofereça canetas hidrográficas de cores diferentes ou algum outro instrumento com o qual a pessoa possa desenhar. Porro e Porro (1998) recomendam o uso de uma câmara de vídeo, se esta estiver disponível e se o seu uso for cômodo para os participantes.

¹⁹ Para mais discussões sobre Mapeamento Participativo ver Momberg *et al.* 1996; Stockdale e Ambrose 1996; Panday *et al.* 1997; Projeto de Apoio ao Manejo Florestal Comunitário 1992 (I e II); Molnar 1989; Bruce 1989, entre outros.

MÉTODOS

Sua equipe precisará de um mediador e de alguém para tomar notas. Lembre aos participantes que eles devem manter em mente os C&I que você está tentando avaliar. Um dos pontos fortes deste método é a sua capacidade para fazer emergir questões sobre as quais as pessoas podem estar relutantes em discutir. Você não está interessado na precisão do mapa, mas na identificação dos aspectos dos sistemas de manejo e nas visões de mundo das pessoas. Quando você trabalhar com as pessoas locais na confecção dos mapas de suas áreas, tenha em mente as questões relevantes relativas à segurança sobre a posse, manejo (como a divisão do acesso, trabalho e controle) e divisão dos benefícios. Às vezes, para orientar os participantes, é mais fácil começar com um mapa já existente ou um mapa simplificado. Você terá de decidir com o grupo qual o tamanho da área a ser desenhada. Ela deve ser pequena o bastante para refletir tanto as próprias práticas de manejo do grupo como aquelas de outros grupos que têm um efeito importante sobre a sua vida diária. Se você tem uma câmara de vídeo digital, você pode escutar o que você gravou e obter observações adicionais dos participantes enquanto eles revêem o que foi dito.

TEMPO REQUERIDO

Duas horas de preparação pelo mediador e anotador. Aproximadamente duas horas para cada grupo.

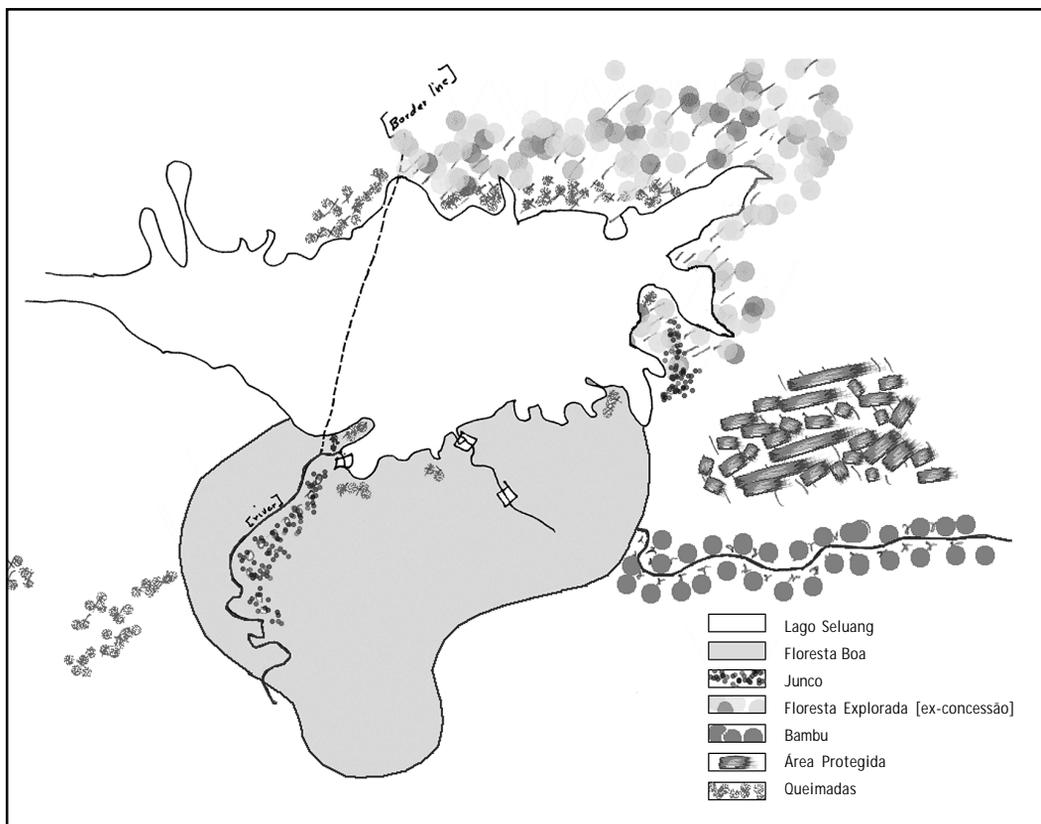
ANÁLISE E PONTUAÇÃO

Prepare uma planilha de mapeamento, novamente com os C&I relevantes listados. Anote os casos e evidências que emergem do exercício de mapeamento, os quais contribuem para a sua avaliação dos C&I. Pontue-os de um (o menos útil para a sustentabilidade) a dez (o mais útil para a sustentabilidade).

Extraia a lista principal de C&I e considere a informação que você anotou. Faça um resumo da nova informação que você coletou, na medida em que ela se relaciona a esses C&I. Por exemplo, se surgiram informações sobre conflitos, estas podem

ser postas sob o **Indicador 1.1.3** e ou **1.2.1**. Introduza uma versão abreviada dessa informação com uma pontuação na planilha principal sob os critérios e indicadores relevantes. Não esqueça de anotar a fonte.

MAPA DE AMOSTRA



Mapa do território da Vila de Danau Seluang na parte oriental da Reserva de Fauna Silvestre de Danau Sentarum, Kalimantan do Oeste, Indonésia.

3 – ACESSO AOS RECURSOS ENTRE GERAÇÕES: MÉTODO DE DISTRIBUIÇÃO DE PEÇAS²⁰

Por definição, o manejo sustentável da floresta inclui um elemento entre gerações. Neste método, tentamos apreender as mudanças que estão ocorrendo e as percepções das pessoas sobre essas mudanças.

OBJETIVOS

- Avaliar a direção da mudança quanto ao acesso aos recursos na área (**Critério 1.1**); e
- Avaliar se as pessoas se sentem seguras em relação ao acesso aos recursos entre gerações (**Critério 1.3; Indicador 1.1.5**).

PARTICIPANTES

Selecione de 12 a 15 participantes de cada um dos grupos mais importantes na área.²¹ Certifique-se de usar o método com um número aproximadamente igual de homens e mulheres e esteja atento a outras diferenças sociais localmente importantes (idade, etnia etc.). A condução da classificação com peças individualmente ou em grupos homogêneos depende das condições locais e da sua experiência com outros métodos nessa área. Independente de você trabalhar com grupos ou indivíduos, não esqueça de registrar os dados demográficos relevantes (idade, distribuição por gênero, etnia, ocupação etc.) Os dados tornam-se mais confiáveis se os grupos ou respondentes de idades similares forem postos juntos –uma vez que as percepções sobre gerações estão relacionadas à idade dos respondentes.

20 Günter estava insatisfeito com a abordagem de distribuição de peças e, mais uma vez, ao invés desse método, usou um questionário. Para chegar aos aspectos de sustentabilidade entre gerações, ele perguntou "...por favor, dê sua opinião sobre como o acesso aos recursos florestais está mudando ao longo do tempo, por geração (10 = alto, 1 = baixo): Avós __, Você__ e Netos__". Ele concluiu perguntando "Qual é a base para a sua estimativa: área reduzida de floresta ou restrições do manejo?" (comunicação pessoal em 12/97).

21 O objetivo aqui não é fornecer uma representação proporcional dos atores, mas ouvir as opiniões da variedade de tipos de atores florestais na área.

MATERIAIS

Veja ficha apresentada na página 42. Prepare cem peças para distribuição entre as três categorias de geração: avós, você, netos.²² Você pode usar pratos ou desenhar células em uma folha de papel grande para cada geração. Se cem peças for muito, escolha um número menor (50 ou 33 ainda manterão a aritmética simples). Apenas seja consistente.

MÉTODOS

Explique às pessoas por que você está procedendo desta maneira. Deixe o(s) seu (s) participante (s) saber que você está interessado em entender como o acesso local aos recursos está mudando ao longo do tempo e o que ele (s) pensa(m) sobre o prognóstico futuro.²³ Peça para a pessoa imaginar todos os recursos florestais ao longo do tempo (da época dos seus avós, no presente, até a época de seus netos).²⁴ Recomenda-se que os respondentes identifiquem a qual geração eles pertencem (inclusive dando suas idades). Dessa maneira, haverá uma melhor complementaridade entre este método e outros relacionados ao tempo. É provável que este método forneça contribuições valiosas ao *sentimento* de segurança entre gerações das pessoas, bem como complemento a informação disponível das Matrizes Histórico-Ecológicas. Porro e Porro (1998) sugerem usar este método de gerações com atenção para as mudanças em relação ao acesso aos recursos e bem-estar humano. Uma ressalva: esclareça a história de migração das pessoas. Se a geração dos seus pais ou avós veio de uma área distante, as implicações para as condições locais de abundância/escassez de sua área devem ser adequadamente interpretadas.

22 Sardjono *et al.* (1997) ampliaram para cinco categorias de geração: avós, pais, você, filhos e netos. Porro e Porro (1998) usaram pais, você, filhos e netos.

23 Tchikangwa *et al.* (1998) constataram que o conceito “acesso aos recursos” é difícil de ser traduzido para os idiomas locais. Eles o substituíram por “frequência de conflitos por geração” como um representante da segurança de acesso aos recursos. McDougall (1998) teve um problema similar, explicando no local “acesso” como “abundância” + qualidade do recurso + capacidade/permissão para usar os recursos”.

24 Uma pessoa pode estabelecer a proporção dos recursos usados por geração (como fez Tiani *et al.* 1997) ou a quantidade de recursos disponíveis para cada geração (como fez Brocklesby *et al.* 1997). As duas interpretações podem contribuir para o nosso entendimento dos respectivos critérios. No entanto, se você quiser fazer comparações entre os sítios, uma interpretação ou outra deve ser selecionada.

Antes de as pessoas começarem a distribuir as peças entre as gerações, é importante que você explique a elas o seu interesse em todos os recursos florestais. Peça aos participantes para distribuírem as cem peças entre as gerações (dos avós, a deles e dos netos). Seus participantes podem fazer avaliações qualitativamente determinadas sobre quantas peças colocar em cada geração (então você as conta). Anote na ficha como foi feita a distribuição.

TEMPO REQUERIDO

Entre os métodos que testamos, este é um dos mais rápidos. Se feito individualmente, ele requer um a dois minutos por pessoa; se feito em grupos de 15 pessoas, quinze a trinta minutos por grupo (Tiani *et al*/1997). Sardjono *et al.* (1997) registraram ter gasto uma média de quatro minutos por entrevista em um local e seis minutos em outro. Brocklesby *et al.* (1997) gastaram uma média de 7,8 minutos por entrevista. Eles gastaram quatro horas adaptando a questão para a área e mais de 4,8 horas conduzindo as entrevistas (32 entrevistas com 77 pessoas). Diaw *et al.* (1998) estimaram o tempo da entrevista em dois minutos.

ANÁLISE E PONTUAÇÃO

Esses dados podem ser introduzidos na planilha de gerações (ver *Guia de Pontuação e Análise*) e facilmente analisados. A necessidade analítica mais simples é determinar como a distribuição de peças varia em média por geração. Isso será mais claro se você fizer as mesmas análises por gênero, grupo étnico, ocupação dos participantes e outras categorias que você determinou como relevantes em sua área.

Retornando ao **Critério 1.1**, podemos supor que quando o número de peças distribuídas na geração de netos de uma pessoa é significativamente menor do que o número de peças distribuídas em sua própria geração ou na geração de seus avós, há um problema com o sentimento de segurança das pessoas em relação ao acesso de seus filhos aos recursos. Essa descoberta também pode indicar

um problema real na manutenção dos recursos. Ainda, ela pode sugerir que os respondentes não relacionam o futuro de seus filhos com o manejo dos recursos florestais (**Critério 1.3**). Além disso, ela pode esclarecer as diferenças entre os atores em relação a essas percepções (com atenção para as questões de equidade - **I 1.2.1**, sobre mecanismos de divisão de benefícios; **I 1.2.2**, sobre emprego; **II.2.4**, sobre danos).

Na República dos Camarões, Brocklesby *et al.* (1997) e Tiani *et al.* (1997, ver abaixo) notaram que havia uma redução real dos recursos florestais prevista para o futuro – a qual sugeriria um problema de sustentabilidade (atingindo talvez um 3 no nosso sistema de pontuação da sustentabilidade). Os resultados de Sardjono *et al.* (1997) parecem mostrar uma visão muito mais otimista do futuro (com uma pontuação concomitantemente mais alta).

FICHA DE AMOSTRA GERACIONAL E ANÁLISE

Acesso aos Recursos ao Longo do Tempo – Método de Distribuição de Peças

Número de entrevistados	Idade	Grupo étnico	Sexo	Gerações		
				Avós	Sua	Netos

As primeiras quatro colunas são para os dados demográficos a serem utilizados para classificações posteriores.
As últimas três colunas são para a distribuição das cem peças (ou percentuais).

EXEMPLOS DE ANÁLISE DESSES DADOS:

Distribuição de Peças ao Longo das Gerações, por Gênero e Categoria de Grupo de Usuários
(República dos Camarões) – Brocklesby *et al.* 1997

Sexo	Geração	Grupo de Usuários				Total final
		CDC Trabalhador (n = 17)	Agricultor nativo (n = 20)	Forasteiro (n = 20)	Usuários de madeira (n = 18)	
Feminino	Dos Avós	43	72	65	56	62
	Sua	34	22	26	34	28
	Dos Netos	23	6	9	10	10
Masculino	Dos Avós	53	54	57	54	54
	Sua	31	29	28	31	30
	Dos Netos	16	17	14	15	16
Total	Avós	50	62	61	55	57
Total	Sua	32	26	27	32	29
Total	Netos	18	12	12	13	14

EXEMPLOS DE ANÁLISE DESSES DADOS:

Acesso aos Recursos ao longo do Tempo
(Adaptado de Tiani *et al.* 1997)

Gerações	Feminino	Masculino	Média
Dos Avós	24	25	25
Dos Pais	54	58	57
Dos Netos	22	17	18
Total	100	100	100



C

Avaliação dos Direitos e Meios para Manejar Florestas de Forma Cooperativa e Equitativa (30%)

Este princípio, Avaliação dos Direitos e Meios para Manejar Florestas de Forma Cooperativa e Equitativa (ver quadro), foi inicialmente expresso como um requerimento para a “participação das pessoas locais” no manejo florestal. Após pré-testar um número de métodos que focalizam a medição da participação das pessoas no manejo, modificamos a expressão buscando refletir o fato de que, em muitas florestas do mundo, as pessoas locais já estão desempenhando no seu cotidiano importantes funções no manejo (ver, por exemplo, Colfer e Wadley 1996). A questão poderia, em muitos casos, ser “transformada” para requerer a participação das empresas madeireiras no manejo local. Portanto, reformulamos a questão considerando “direitos e meios para manejar florestas de forma cooperativa e equitativa”.²⁵

Como na seção anterior (B), baseamos a distribuição dos pontos percentuais (30, neste caso) em nossa experiência anterior e num elemento significativo de julgamento. Consideramos a questão do manejo cooperativo importante pelas seguintes razões:

- As comunidades locais freqüentemente possuem conhecimentos tradicionais valiosos sobre os múltiplos usos da floresta. No entanto, esses conhecimentos não estão disponíveis aos outros atores.
- Os atores florestais (freqüentemente, comunidades locais e trabalhadores locais) podem causar efeitos positivos e negativos sobre as florestas locais. Se a atenção estiver voltada para os seus interesses, a probabilidade de os efeitos positivos prevalecerem aumenta.
- A dependência, a pobreza e a falta de poder dos atores florestais estabelecem uma exigência ética de que suas necessidades sejam expressas pelos grupos usualmente mais ricos e poderosos que extraem recursos naturais.

25 Este princípio tem sido formulado variavelmente, incluindo as expressões “direitos e responsabilidades” (no lugar de “direitos e meios”), “comanejar florestas equitativamente” (no lugar de “manejar cooperativamente e equitativamente”) e “atores florestais” (no lugar de “participantes interessados”). Reconhecemos que a expressão pode continuar evoluindo.

Uma das funções do poder de influência (“voz”) das pessoas locais no manejo dos recursos – alertada por Tchigangwa e sua equipe de avaliação dos C&I em 1996 (Prabhu *et al.* 1998) – é assegurar que elas tenham o poder ou a capacidade de proteger e manejar os recursos locais (como descrito na seção anterior sobre a Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações).

Como na seção anterior, estamos mais certos sobre a universalidade dos princípios e critérios a seguir do que sobre a universalidade dos indicadores.

PRINCÍPIOS, CRITÉRIOS E INDICADORES PROPOSTOS SOBRE MANEJO COOPERATIVO E EQUITATIVO DOS RECURSOS FLORESTAIS

P2	Os direitos e meios dos atores interessados para manejar florestas de forma cooperativa e equitativa são reconhecidos (Valor total = 30%).
C2.1	Existem mecanismos efetivos para comunicação entre os atores no que diz respeito ao manejo florestal.
12.1.1	> 50% dos funcionários das empresas madeireiras e dos funcionários públicos do setor florestal falam um ou mais idiomas locais, ou > 50% das mulheres locais falam o idioma nacional.
12.1.2	Os atores locais reúnem-se com frequência satisfatória, representação da diversidade local e qualidade de interação.
12.1.3	As contribuições de todos os atores são respeitadas e valorizadas mutuamente em um nível de satisfação geral.
C2.2	Os atores locais possuem conhecimento detalhado e recíproco sobre o uso dos recursos florestais (incluindo grupos de usuários e o papel dos gêneros), bem como sobre os planos de manejo florestal anteriores a sua implementação.
12.2.1	Existem planos/mapas demonstrando a integração de usos pelos diferentes atores.
12.2.2	Planos atualizados, estudos de diagnóstico e mapas estão amplamente disponíveis. Esses documentos descrevem os detalhes da exploração, tal como as áreas de extração e a construção de estradas, além de incluir os aspectos temporais.
12.2.3	Os estudos de diagnóstico sobre os sistemas humanos locais estão disponíveis e são consultados.
12.2.4	A equipe de manejo reconhece a legitimidade dos interesses e direitos dos outros atores.
12.2.5	O manejo de Produtos Florestais Não-Madeireiros (PFNMs) reflete os interesses e direitos dos atores locais.
C2.3	Existe acordo sobre os direitos e responsabilidades dos atores relevantes.
12.3.1	O nível de conflito é aceitável para os atores.

Como na seção anterior, você precisará preparar uma planilha provisória para o método e, em seguida, introduzi-la na planilha principal de C&I a partir dos critérios e indicadores do quadro apresentado na página 49. Como anteriormente, você estará fazendo estimativas contínuas de 1 (insustentável) a 10 (sustentável) para esses C&I.

Para iniciar esta avaliação, primeiro você deverá visitar os centros de operações das empresas madeireiras locais.

Indicador 2.1.1, a capacidade do pessoal da empresa madeireira para falar os idiomas locais será melhor avaliada nesses centros. Muitos dos indicadores para o **Critério 2.2** estarão disponíveis nesses locais (por exemplo, **Indicador 2.2.1**, sobre a existência de planos e mapas; **Indicador 2.2.3**, sobre estudos de diagnóstico e sistemas humanos; **Indicador 2.2.5**, sobre manejo de Produtos Florestais Não-Madeireiros - PFNMs). Da mesma forma, o **Indicador 2.2.2** sobre a disponibilidade de documentos de planejamento, mapas e estudos deve ser procurado nas vilas. Faça uma estimativa preliminar para cada um desses indicadores, registrando a evidência ou a base para ela.

Para avaliar a existência de divisão de direitos e responsabilidades no manejo florestal, sugerimos um método mais formal: Distribuição de Peças Aplicado aos “Direitos/Meios para Manejar”. É importante lembrar que ao conduzir este estudo você estará interagindo com as pessoas locais e, desse modo, aprendendo mais, de uma forma qualitativa, sobre sua condição. Não desperdice esta informação adicional. Introduza-a na planilha de C&I que você preparou como evidências ou casos.

1. DIREITOS/MEIOS PARA MANEJAR: DISTRIBUIÇÃO DE PEÇAS²⁶

OBJETIVOS

- Determinar o nível de interação entre os atores (como um pré-requisito para a cooperação efetiva no manejo, **Critério 2.1**); e
- Identificar a divisão dos direitos e responsabilidades de manejo entre os atores, bem como se há acordo entre as pessoas sobre essa divisão (**Critérios 2.2 e 2.3**).

PARTICIPANTES

Você precisará de 12 a 15 respostas de cada ator, grupo de usuários ou categoria social que você deseja analisar.²⁷ Entre eles estarão, pelo menos, homens e mulheres, diferentes grupos étnicos e diferentes ocupações. Na República dos Camarões foi importante incluir idosos, adultos e jovens. Você está procurando grupos que tenham um relacionamento claro com o manejo florestal.

Você pode conduzir as entrevistas em grupos (5 a 15 pessoas) ou individualmente. Se você decidir conduzi-las em grupos, estes devem ser proporcionalmente homogêneos (por exemplo, todos os participantes mulheres, todos de um mesmo grupo étnico, todos com a mesma ocupação). Os dados demográficos usuais sobre cada respondente (idade, sexo, grupo étnico etc.) serão indispensáveis em sua análise subsequente – reconhecendo que os diferentes grupos étnicos possuem diferentes interesses e tendências, os quais você deve levar em consideração ao interpretar suas respostas.

26 Ao criar este método, fomos influenciados pelos trabalhos de Ostrom (1994) e Análises do Gênero e Silvicultura (1995). Nosso método inicial incluiu atenção especial aos “meios” para manejar, entretanto, concluímos que as funções listadas refletem adequadamente as responsabilidades de manejo; e os pesquisadores sentiram que havia repetição significativa nas respostas para os “direitos” e “meios”.

27 Novamente, o objetivo não é obter uma representação proporcional desses grupos, mas o acesso às opiniões da diversidade de atores florestais na área.

MATERIAIS

Inicialmente colete com peças para contagem. Prepare uma matriz com células grandes o bastante para que as pessoas possam distribuir as peças ao longo das fileiras.²⁸ As fileiras especificam as funções do manejo florestal (ver Ficha A). As colunas especificam os atores mais importantes (inclusos mas não limitados aos atores florestais). Brocklesby *et al.* (1997) recomendam incluir subcolunas separadas para cada gênero; Porro e Porro (1998) recomendam o contrário. Pode ser necessário criar fichas separadas para os papéis dos homens e mulheres relacionados às funções do manejo florestal. Esta é uma forma de simplificar o processo de entrevista. Faça algumas cópias menores das matrizes para registrar os dados que você coletar (Ficha A).²⁹

A Ficha B requererá quadros para cada ator no lado esquerdo da página, e no lado direito, espaço para anotações referentes à frequência de interação entre os atores.

Antes de começar a reunião com o seu grupo, reveja os C&I listados no quadro (página 49), para que as informações que você precisa estejam claras. As idéias e percepções expressas pelas pessoas enquanto discutem as fichas podem ser tão úteis para você quanto os resultados quantificados. Lembre-se de registrar a composição demográfica do seu grupo (etnia, gênero, idade, ocupação etc.), para uso em sua análise de dados subsequente.

MÉTODO

Com base em suas avaliações anteriores, identifique três a cinco grupos de atores que tenham um papel significativo no manejo florestal³⁰ (Seção A). Esses grupos serão

28 Diaw *et al.* (1998) usaram pratos ao invés de colunas para representar os diferentes atores – distribuindo as peças entre os pratos. Tiani *et al.* (1997) sugerem pedir aos respondentes para “classificar” os atores, usando os 20 pontos utilizados nas escolas da República dos Camarões ao invés dos cem objetos. Para ela, cem é uma quantidade muito grande, a qual exigiria muito cálculo.

29 Porro e Porro (1998) sugerem fundir a Ficha A com o Método de Classificação Participativa com Cartões (“Os Acessórios”) e concentrar esforços na Ficha B.

30 Tiani *et al.* (1997), por exemplo, usaram o governo, a população local, a indústria florestal e os artesãos. Brocklesby *et al.* (1997) usaram os indígenas, o Projeto de Conservação do Monte Camarões, os funcionários do governo, a empresa madeireira e a Companhia de Desenvolvimento dos Camarões. Sardjono *et al.* (1997) selecionaram dois grupos étnicos, os concessionários de madeira e o governo.

introduzidos nas fichas A e B (exemplo páginas 37 e 39), bem como serão representados em sua amostra de respondentes (acima).

Explique para seus respondentes/grupo que você está interessado em entender quem eles consideram responsável pelo manejo florestal na área. Você pode obter essa informação através da pergunta *A quem a população local atribui os direitos para manejar?* Tenha clareza sobre qual floresta é mais relevante para suas necessidades. Esclareça também o que você entende por direitos.

Explique aos participantes que as linhas representam diferentes direitos e responsabilidades no manejo florestal e que você quer que eles distribuam as cem peças entre os atores listados na parte superior da matriz. Eles distribuirão as cem peças uma vez para cada linha. Eles não precisam contar as peças; estimativas qualitativas são adequadas (mas VOCÊ precisará contá-las e registrar os números nas fichas de papel que você confeccionou).

TEMPO REQUERIDO

A adaptação da ficha de acordo com a sua situação local e o treinamento dos trabalhadores de campo deverá levar quatro horas. Prevemos que cada entrevista levará menos de uma hora. A introdução e análise dos dados deve levar cinco horas.

ANÁLISE E PONTUAÇÃO³¹

Você precisará analisar os resultados por grupo de atores/usuários ou categorias sociais que você selecionou para entrevista. As médias das diferentes funções no manejo florestal (coluna esquerda) serão calculadas para cada ficha a fim de representar o manejo florestal global. Após você ter conduzido as entrevistas individuais, essas médias serão então transferidas para uma planilha de “direitos”, na qual as médias de todas as fichas em um dado grupo serão novamente calculadas (por exemplo, todos os respondentes do sexo

31 Orientação adicional sobre a análise desses dados está disponível no *Guia de Pontuação e Análise*.

feminino, todos os respondentes do grupo Dayak, ou todos os gerentes da empresa madeireira respondentes). Dessa forma, as pontuações médias para cada ator listado na ficha (cada coluna) podem ser comparadas entre os grupos de respondentes. Isso nos dirá se há ou não um acordo sobre os direitos e responsabilidades (**Critério 2.3**), bem como se os manejadores formais da floresta reconhecem ou não a contribuição dos manejadores informais (**Indicador 2.2.4**).

Inicialmente verifique se há um padrão geral de acordo entre os grupos de respondentes (por **Critério 2.3**). Em seguida, concentre a atenção nas respostas dos manejadores formais da floresta para verificar se eles reconhecem os papéis desempenhados pelos outros manejadores (**Indicador 2.2.4**). Use o mesmo modelo de pontuação que você usou anteriormente (ver abaixo).

A seguir, você pode analisar a Ficha B. Que informação você coletou sobre a interação das pessoas (**Critério 2.1**)? As comunidades locais interagem regularmente com os empregados das empresas madeireiras? Há reuniões entre os atores importantes? Novamente, concentre a atenção nos indicadores listados no quadro na página 49 e registre as evidências coletadas a partir dessas entrevistas em sua planilha de direitos sob o critério e indicador adequados. Faça sua avaliação de sustentabilidade (1 a 10) para cada nova evidência.

O último passo é completar essa seção da planilha principal. Registre seus resultados qualitativos e quantitativos, com uma pontuação adequada, como você fez nos outros métodos: 1 para padrões que sugerem falta de sustentabilidade (nenhum acordo sobre os papéis desempenhados, nenhum respeito às contribuições locais para o manejo florestal) e 10 para os padrões mais sustentáveis (acordo sobre os papéis desempenhados e respeito dos manejadores formais pela contribuição equilibrada de outros atores).

FICHAS DE AMOSTRA E ANÁLISE DE AMOSTRA

Ficha A – Método de Distribuição de Peças Aplicado aos Direitos/Meios para Manejar

Funções no manejo	Manejadores Florestais								Total
	Pigmeus		Bantus		O Estado		Emp. Mad.		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
Definição/proteção das fronteiras									
Desenvolvimento/aplicação das regras/regulamentos									
Monitoração do cumprimento das regras									
Resolução de conflitos									
Liderança/organização									
Avaliação de penalidades/sanções									
Somas	Soma 600	Soma 600	Soma 600	Soma 600	Soma 600	Soma 600	Soma 600	Soma 600	

A divisão dos direitos e responsabilidades no manejo para cada manejador dependendo das questões sobre manejo listadas à esquerda. Divida as peças ou pontos percentuais entre os atores (ao longo das linhas), entre masculino (M) e feminino (F). Provavelmente será necessário ter em mente alguns exemplos localmente relevantes.

No exemplo a seguir, mulheres e homens da reserva Dja distribuíram peças entre os atores listados à esquerda (governo, município etc.). Para obter uma avaliação global dos “direitos para manejar”, foram calculadas as médias das peças distribuídas entre os atores para cada uma das seis funções listadas na ficha acima. Esse tipo de análise pode ser feito por gênero (como abaixo), por grupo étnico, por idade, ou qualquer característica demográfica relevante.

Diferenças de Opinião entre os Gêneros sobre os Direitos para Manejar Florestas (Reserva Dja)

Ator	Mulher (n=2)	Homem (n=19)	Média
<i>Governo</i>	43	35	39
<i>Municipal</i>	12	16	14
Agência de Desenvolvimento	5	4	5
Empresa madeireira	2	0	1
<i>Grupos de terceira idade</i>	13	21	17
Kako	7	6	7
Nzime	13	11	12
Baka	6	6	6

As fileiras e as palavras em itálico indicam que há discordância entre mulheres e homens, de acordo com o teste Mann-Whitney com $\alpha = 0.05$.

FICHAS DE AMOSTRA E ANÁLISE DE AMOSTRA

Ficha B – Níveis de Interação

Ator	Razão para Interação
Kenyah e Emp. de exploração	A empresa construiu uma estrada através das plantações de abacaxi da vila; kenyah busca recompensa – tiveram duas reuniões.
Emp. de exploração e Kenyah	A empresa quer que os keniah plantem <i>Acacia mangium</i> para favorecer os planos de desenvolvimento de plantação da empresa – visitas regulares da empresa, a cada uma ou duas semanas.
Emp. de exploração e Kutai	A empresa está descontente com a extração de toras comerciais feita pelos kutai – há rumores de que a empresa pode pedir auxílio à polícia.
Kutai e Emp. de exploração	Uma moça kutai (muçulmana) ficou grávida de um dos exploradores cristãos de uma das ilhas da parte oriental – rumores enfatizando conflito, potencial de agravamento do problema.
Governo e Emp. de exploração	O governo suspeita de desonestidade no pagamento das taxas de exploração; esse problema é de alguma forma resolvido sem o adicional pagamento formal de taxas pela empresa – suspeitas de fraude/suborno.

Descrição do grupo: (Incluir pelo menos distribuição por gênero, idade, etnia e ocupação).
 Oito agricultoras do grupo kenyah, com idade variando de 18 a 45 anos
 (Este é um exemplo imaginário).



D

Avaliação das Questões
Restantes (30%)

Os C&I listados a seguir (ver quadro) não têm sido, até o momento, o foco de teste e desenvolvimento metodológico do Cifor. Contudo, eles representam uma síntese parcial dos resultados de testes de campo anteriores sobre os C&I sociais – aqueles restantes após “segurança de acesso aos recursos entre gerações” e “direitos e responsabilidades para manejar florestas de forma cooperativa e eqüitativa” terem sido tratados. Nós os incluímos a seguir, com algumas idéias sobre como poder-se-ia avaliá-los, uma vez que os consideramos componentes importantes para o bem-estar humano.

PRINCÍPIOS, CRITÉRIOS E INDICADORES PROPOSTOS SOBRE A SAÚDE
DOS ATORES FLORESTAIS E DA FLORESTA E INTEGRIDADE CULTURAL

P3 A saúde dos atores florestais e da floresta, bem como a integridade cultural são aceitáveis por todos os atores (Valor total = 30%).

C3.1 Há um equilíbrio evidente entre as atividades humanas e as condições ambientais.

13.1.1 As condições ambientais afetadas pelas atividades humanas estão estáveis ou melhorando.

13.1.2 O aumento da migração interna e ou população natural está em harmonia com a manutenção da floresta.

C3.2 A relação entre o manejo florestal e a saúde humana é reconhecida.

13.2.1 Os gerentes florestais cooperam com as autoridades de saúde pública no que diz respeito às doenças relacionadas ao manejo florestal.

13.2.2 O estado nutricional é adequado entre as populações locais (por exemplo, o crescimento infantil segue os padrões internacionais de altura e peso; os níveis de mortalidade infantil de crianças menores de 5 anos são baixos.³²

13.2.3 Os empregadores das áreas florestais seguem os padrões de trabalho e condições de segurança da Organização Internacional do Trabalho - OIT- e responsabilizam-se pelos riscos florestais à saúde dos trabalhadores.

C3.3 A relação entre a manutenção da floresta e a cultura humana é reconhecida como importante.

13.3.1 Os gerentes florestais compreendem as relações entre as culturas humanas relevantes e a floresta local.

13.3.2 Os planos de manejo florestal consideram as questões culturais.

13.3.3 Não há aumento significativo dos sinais de desintegração cultural.

Retorne à planilha principal de C&I. Enquanto conduz os métodos descritos nas seções anteriores mantenha esses C&I em mente, da mesma forma que você fez com os outros princípios, critérios e indicadores. Se você estiver alerta a essas questões, perceberá que aprende continuamente sobre elas em suas conversas com as pessoas locais, com a empresa madeireira e em suas observações diárias.

32 O fato de este indicador não estar necessariamente relacionado ao seu critério é um exemplo das falhas neste terceiro princípio (ao contrário dos dois primeiros) resultantes da falta de teste sistemático de campo.

Para o **Critério 3.1**, você terá de usar consideráveis julgamentos. Há, por exemplo, uma ampla extensão de impactos que a agricultura migratória (a forma mais comum de agricultura em áreas tropicais onde as empresas madeireiras operam) pode causar sobre os meios ambientes locais.³³ Em muitas áreas onde trabalhamos, a agricultura migratória tem sido benéfica, com períodos longos de pousio e sistemas agroflorestais complexos. Entretanto, em algumas áreas, a agricultura migratória pode representar um uso da terra destrutivo (particularmente onde migrantes internos sem uma tradição de uso florestal têm-se estabelecido recentemente – culturas transformadas^{NT}). Desta maneira, nem sempre é recomendável acreditar no que você ouve. Em alguns casos verifique por si mesmo.

Para o **Indicador 3.1.1**, verifique o período de pousio; observe se há um sistema tradicional complexo (com nomes para diferentes estágios de rebrotação da floresta e da diversidade de produtos coletados ou manejados nesses estágios); determine a dependência das pessoas em relação à floresta (pode haver implicações nutricionais importantes relacionadas à caça, pesca e coleta de produtos florestais descritos como “silvestres”).

Para o **Indicador 3.1.2**, funcionários do governo e órgãos de saúde ou de outros setores do governo local podem ter informações relevantes.

Para o **Critério 3.2**, sobre a relação entre o manejo florestal e a saúde humana, permaneça um período com o pessoal da empresa madeireira e nas áreas de exploração. Para o **Indicador 3.2.1**, converse com os funcionários das empresas madeireiras e de órgãos de saúde pública local. Para o **Indicador 3.2.3**, observe o comportamento atual dos trabalhadores da extração (se eles estão usando capacetes em áreas perigosas ou não). O **Indicador 3.2.2**, por outro lado, requer tempo gasto nos centros de saúde e ou observações nas vilas locais.

33 Ver Warner (1991) para uma visão geral excelente de alguns dos problemas relativos à agricultura migratória.

NT Indica que os migrantes internos adotaram formas de cultivo diferentes das culturas locais tradicionais (agricultura migratória). As expressões em inglês para designar agricultura migratória (“shifting cultivation”) e cultura transformada (“shifted cultivation”) formam um trocadilho.

Para o **Critério 3.3**, sobre a relação entre a manutenção da floresta e a cultura, converse com as pessoas locais e os funcionários da empresa madeireira. Frequentemente encontramos uma relativa falta de conhecimento e respeito por parte dos funcionários da empresa madeireira e dos funcionários públicos do setor florestal em relação às culturas da população local. Sem tal conhecimento e respeito, serão difíceis a realização do manejo cooperativo e a tentativa de manter os recursos florestais ao longo do tempo.

○ **Indicador 3.3.1**, que trata do entendimento e conhecimento dos manejadores formais, terá definitivamente de ser avaliado onde há empregados de empresas madeireiras trabalhando (base de campo ou em áreas de exploração florestal).
○ **Indicador 3.3.2**, sobre a incorporação de tal conhecimento aos planos de manejo, requererá exame dos planos e avaliação da sua implementação. Essa integração de fato aconteceu no campo?

○ **Indicador 3.3.3**, sobre o nível de integridade cultural, requererá discussões com as pessoas locais. Você também pode, de várias maneiras, usar os centros de saúde locais e informações dos órgãos do governo para fazer essa avaliação. Mudanças no número de crimes, detenções, evasão escolar, migração externa, conflitos entre grupos étnicos podem indicar que a integridade cultural está sofrendo.



E

Procedimento para
Pontuação

Neste momento você deve ter uma planilha grande com todos os três princípios e seus C&I listados. Ao lado de cada indicador deve haver evidências e casos, cada um com uma pontuação de sustentabilidade (de 1, para o mais insustentável, a 10, para o mais sustentável).

Identifique quais são os C&I sem qualquer evidência anexada para fazer uma avaliação ou pontuação. Observe se você pode preencher quaisquer lacunas restantes (seja por uma viagem especial para fazer uma nova avaliação, pelo exame de sua própria memória e entendimento da situação global, ou pela discussão sobre tais falhas com outros membros da equipe). Examine sua evidência de forma crítica e inclua somente a evidência real em sua computação.

Para cada indicador, calcule a média das pontuações que você deu para cada exemplo de evidência ou caso. Isso dará a você uma pontuação média para cada indicador.

Em seguida, calcule a média das pontuações que você deu para cada indicador sob cada critério. Isso dará a você uma série de pontuações médias, uma para cada critério. Agora você pode avaliar até que ponto os critérios foram satisfeitos, dentro de cada princípio.

Para avaliar cada princípio, você pode calcular as pontuações para cada critério dentro daquele princípio. Você pode dizer, por exemplo, que a pontuação média global da sustentabilidade para a segurança de acesso aos recursos entre gerações é 7...talvez.

O passo final será fazer a sua avaliação global do bem-estar humano. O bem-estar humano será medido calculando uma média global dos critérios dentro de cada princípio

(ver etapas anteriores). Em seguida, multiplica-se essa média pelas porcentagens alocadas para aquele princípio [por exemplo, se a pontuação média para os critérios sobre a Segurança de Acesso aos Recursos entre Gerações - SARE (princípio 1) é 6, você multiplicaria $6 \times 0,4$]. As pontuações resultantes para os três princípios são subsequentemente somadas, fornecendo uma pontuação cumulativa sobre o bem-estar humano. **Uma pontuação global de 1-3 é inaceitável. Uma pontuação de 4-6 é aceitável. Uma pontuação de 7-10 é boa.** Contudo, se houver qualquer critério individual com a média abaixo de 3, isso significa um “sinal amarelo”. Neste caso, os gerentes florestais devem fazer sérios esforços para melhorar seus manejos na área – mesmo se as pontuações médias globais estiverem dentro de um intervalo aceitável.

Lembre-se de que essa combinação dos C&I sociais (todos os três princípios) representa um terço da avaliação total da floresta (os outros dois terços estão relacionados à ecologia e ao manejo florestal convencional).

1. O manejo florestal mantém ou aumenta o acesso equitativo aos recursos e benefícios econômicos entre gerações. (Valor total = 40%)
2. Os direitos e meios dos atores interessados para manejar florestas de forma cooperativa e equitativa são reconhecidos. (Valor total = 30%)
3. A saúde dos atores florestais e da floresta, bem como a integridade cultural são aceitáveis por todos os atores. (Valor total = 30%)

Glossário

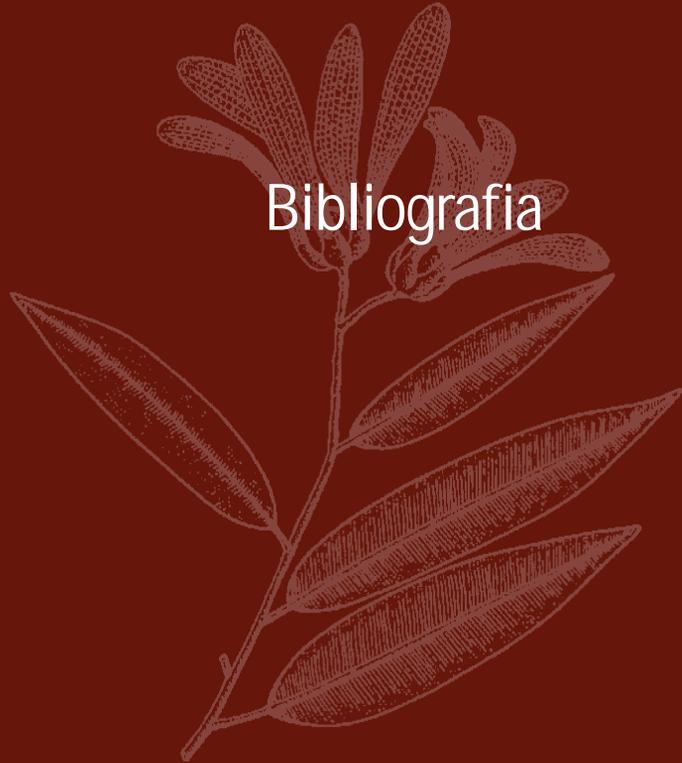


Critério	Crítérios são os pontos intermediários aos quais a informação fornecida pelos indicadores pode ser integrada e nos quais uma avaliação interpretável se cristaliza (Prabhu <i>et al.</i> , 1996).
Dependência	Alguns atores dependem da floresta para seu sustento. Eles podem sobreviver da caça, pesca, coleta de alimentos, remédios, fibras, madeira e ou da prática de agrosilvicultura. A base do recurso para o sistema microeconômico das pessoas tem implicações importantes para o bem-estar humano e, por sua vez, para as florestas.
Ator florestal	Uma das categorias de atores identificada como importante para as empresas madeireiras em seu manejo florestal; pessoas importantes no manejo florestal sustentável (Colfer <i>et al.</i> 1999).
Integração floresta/cultura	Culturas, ou modos de vida, tendem a estar intimamente ligadas ao seu meio ambiente; as comunidades de áreas florestais não são exceção. Pode haver sítios sagrados dentro da floresta, sistemas simbólicos que dão significado à vida e estão intimamente ligados ao senso de si mesmo dos indivíduos, funções de garantia representadas pelas plantas da floresta durante os tempos de escassez, e muitos outros vínculos.
Indicador	Qualquer variável ou componente do ecossistema florestal do sistema de manejo relevante usado para pressupor atributos de sustentabilidade dos recursos e sua utilização (Landres 1992; Prabhu <i>et al.</i> 1996).
Conhecimento local	Muitas vezes, as pessoas que vivem em áreas florestadas possuem conhecimento único e útil baseado em suas longas experiências locais. Esse conhecimento pode ser usado para melhorar o manejo florestal e outorgar às pessoas um poder de influência (“voz”) em seu futuro.

PFNMs	Produtos Florestais Não-Madeiros.
Pobreza	Pessoas cujo padrão de vida é extremamente baixo requerem atenção especial, dado que elas são a evidência de um problema com o “bem-estar humano”.
Déficit de poder	As pessoas que vivem na floresta e ao seu redor, freqüentemente têm pouco poder em relação a outros atores. Onde existe essa ausência de poder, há o risco de a população e a floresta serem afetadas de forma adversa, uma vez que as pessoas não terão meios para proteger seus recursos.
Direitos preexistentes	Em muitas áreas de florestas comerciais pode haver paradigmas conflituosos sobre o significado de propriedade e uso da terra. Às vezes, comunidades que ocuparam uma dada área por um longo tempo tiveram seus direitos tradicionais usurpados ou severamente comprometidos em épocas recentes. A justiça e o pragmatismo sugerem que esses direitos sejam respeitados.
Princípio	Uma verdade ou lei fundamental de acordo com a razão ou ação. (Dicionário de Inglês Atual de Oxford, 1987; Prabhu <i>et al.</i> 1996).
Proximidade a floresta	As pessoas que vivem na floresta ou ao seu redor têm maior chance de afetar a floresta e serem afetadas por ela. O significado correto de proximidade variará, obviamente, de acordo com o local, qualidade dos meios de transporte e infra-estrutura.

Ator	Pessoa ou grupo com um interesse na floresta.
Manejo Florestal Sustentável	Uma forma de lidar com a floresta que mantém ou aumenta as funções ecológicas e o bem-estar humano.
Grupo de usuários	Indivíduos indetectáveis que compartilham uma forma de usar a floresta (por exemplo, caçadores, coletores de cascas, agricultores florestais, negociantes de PFNMs).
Verificador	Dado ou informação que aumenta a especificidade ou a facilidade da avaliação de um indicador (Prabhu <i>et al.</i> 1996).

Bibliografia



- Brocklesby, M.A., Etuge, P., Ntube, G., Alabi, J., Anje, M., Bau Bau, V. and Molua, J. 1997. CIFOR. Cameroonian test of social methods for assessing criteria and indicators for sustainable forest management. Mt. Cameroon Project, Limbe, Cameroon. CIFOR Report, CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Bruce, J.W. 1989. Community forestry: rapid appraisal of tree and land tenure. FAO, Rome.
- Colfer, C.J.P. 1995. Who counts most in sustainable forest management. CIFOR Working Paper No. 7. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P. 1997. A test of social science assessment methods. CIFOR methods testing manual. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P. and Wadley, R.L. 1996. Assessing "participation" in forest management: workable methods and unworkable assumptions. CIFOR Working Paper No. 12. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P. with Prabhu, R. and Wollenberg, E. 1995. Principles, criteria and indicators: applying Ockham's Razor to the people-forestry link. CIFOR Working Paper No. 8. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P., Wadley, R.L., Woelfel, J. and Harwell, E. 1997a. From heartwood to bark: Indonesian gender issues in sustainable forest management. *Women in Natural Resources* 18: 7–14.
- Colfer, C.J.P., Wadley, R.L., Harwell, E. and R. Prabhu. 1997b. Intergenerational access to resources: developing criteria and indicators. CIFOR Working Paper No. 18. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P., Woelfel, J., Wadley, R.L. and Harwell, E. 1996b. Assessing people's perceptions of forests in Danau Sentarum Wildlife Reserve. CIFOR Working Paper No. 13. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P. with Prabhu, R., Günter, M., McDougall, C., Porro, N.M. and Porro, R. 1999. Who counts most? Assessing human well-being in sustainable forest management. *Criteria & Indicators Toolbox Series No. 8*. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Diaw, C., Oyono, R., Sangkwa, F., Bidja, C., Efoua, S. and Nguiebouri, J. 1998. Social science methods for assessing criteria and indicators of sustainable forest management: a report of the tests conducted in Cameroon humid forest benchmark and in the Lobe and Ntem River basins — Part 1. CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.

- Federal Ministry for Environment, Youth and Family. 1996. Testing of criteria and indicators of sustainable forest management within the international CIFOR project. Federal Environment Agency, Vienna.
- FAO. 1995. Gender Analysis and Forestry. Forests, trees and people programme, Rome.
- Günter, M. 1998. Intergenerational equity and sharing of benefits on an island state. Prepared for inclusion in: Colfer (ed.) Local people in logged forests: Well-being under scrutiny. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- IUCN. 1997. Beyond fences: seeking social sustainability in conservation. Volume 2: a resource book. IUCN, Gland.
- Joint Forest Management Support Project. 1992. Field methods manual I and II. Society for Promotion of Wastelands Development, New Delhi.
- Landres, P.B. 1992. Ecological indicators: Panacea or liability. *In*: D.H. McKenzie, D.E. Hyatt and J.E. McDonald (eds), Ecological Indicators, Volume 2, pp. 1295–1318. Elsevier Applied Science, London.
- McDougall, C. 1998. Final test of the social science methods, Bulungan, East Kalimantan. CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Molnar, A. 1989. Community forestry: rapid appraisal. Community Forestry Note 3. FAO, Rome.
- Momberg, F., Ato, K. and Sirait, M. 1996. Drawing on local knowledge: a community mapping training manual: case studies from Indonesia. Ford Foundation, Yayasan Karya Sosial Pancur Kasih, and WWF, Jakarta, Indonesia.
- Mount Cameroon Project. 1996. Stakeholder analysis for participatory resource management. Community Development Dept., Forest Management Dept., and MINAGRI staff, Limbe, Cameroon.
- Ostrom, E. 1994. Neither market nor state: governance of common-pool resources in the twenty-first century. International Food Policy Research Institute, Washington, DC.
- Oxford Dictionary of Current English. 1987. Oxford University Press, New York.
- Pandey, D.N., Chadha, S., Chatterjee, A., Swarz, A. and Poffenberger, M. 1997. Participatory mapping for joint forest management inventory, planning, and monitoring: methods manual (Volume Three). Asia Forest Network, Berkeley and New Delhi.

- Porro, R. and Porro, N.M. 1998. Methods for assessing social science criteria and indicators for the sustainable management of forests: Brazil test. CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Prabhu, R., Colfer, C.J.P., Venkateswarlu, P., Tan, L.C., Soekmadi, R. and Wollenberg, E. 1996. Testing criteria and indicators for the sustainable management of forests: Phase I final report. CIFOR Special Publication. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Prabhu, R., Maynard, W., Eba'a Atyi, R., Colfer, C.J.P., Shepherd, G., Venkateswarlu, P. and Tiayon, F. 1998. Testing and developing criteria and indicators for sustainable forest management in Cameroon: the Kribi test — Final report. C&I Toolbox. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Prabhu, R., Haggith, M., Purnomo, H., Rizal, A., Sukadri, D., Taylor, J. and Yasmi, Y. 1999. CIMAT (Criteria and indicators modification and adaptation tool). Criteria & Indicators Toolbox Series No. 3. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Sardjono, M.A., Rositah, E., Wijaya, A. and Angie, E.M. 1997. A test of social science assessment methods concerning indicators and criteria for sustainable forest management in East Kalimantan. CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Stockdale, M. and Ambrose, B. 1996. Mapping and NTFP inventory: Participatory assessment methods for forest-dwelling communities in East Kalimantan, Indonesia. *In*: J. Carter (ed.), Recent approaches to participatory forest resource assessment, pp. 170–211. Rural Development Forestry Study Guide 2. ODI, London.
- Tchikangwa, B.N. with Sikoua, S., Metomo, M. and Adjudo, M.F. 1998. Test des méthodes en sciences sociales de vérification des critères et indicateurs d'aménagement durable des forêts: périphérie est de la Réserve du Dja (Sud-Cameroun). CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Tiani, A.M., with Mvogo Balla, E., Oyono, A. and Kenmegne Diesse, E. 1997. A test of social science assessment methods (near Mbalmayo, Cameroon). Report to CIFOR, Assessing Sustainable Forest Management: Testing Criteria and Indicators Project, Mbalmayo. CIFOR Report. CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Warner, K. 1991. Shifting cultivators: local technical knowledge and natural resource management in the humid tropics. Community Forestry Note 8. FAO, Rome.

O Sistema CGIAR

O Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR) é uma associação informal de 41 doadores do setor público e privado que apóiam uma cadeia de 16 institutos de pesquisa agrícola internacional, sendo o Cifor o mais novo deles. O grupo foi estabelecido em 1971. Os centros do CGIAR são parte de um sistema de pesquisa agrícola global, o qual se empenha em aplicar a capacidade científica internacional para a resolução dos problemas das populações menos favorecidas do mundo.

Cifor

O Cifor foi estabelecido sob o sistema do CGIAR em resposta às preocupações globais sobre as conseqüências econômicas, ambientais e sociais da perda e degradação das florestas. Ele opera através de uma série de parcerias altamente descentralizadas com instituições-chave e ou indivíduos nos países industrializados e em desenvolvimento. A natureza e duração dessas parcerias são determinadas pelos problemas específicos de pesquisa que estão sendo tratados. Esta agenda de pesquisa está sob revisão constante e, desta maneira, sujeita a mudanças quando os parceiros reconhecem novas oportunidades e problemas.



O **Guia Básico de Avaliação do Bem-Estar Humano (GBA)** examina os critérios e indicadores sociais do manejo florestal sustentável, um tópico que tem sido objeto de considerável controvérsia e incerteza. Este manual foi elaborado para pessoas sem alto grau de conhecimento em ciências sociais interessadas em avaliar o manejo florestal sustentável. Os seis métodos simples descritos neste manual são elaborados para pessoas com graduação em ciências biológicas e naturais. Embora sejam apresentados num formato de "livro de receitas", esses métodos podem ser usados por avaliadores com conhecimento superior em ciências sociais. O *Guia de Pontuação e Análise*, a ser utilizado em conjunto com o *GBA*, oferece ajuda adicional para avaliação do bem-estar humano, incluindo um método específico de pontuação. Além disso, fornece níveis gradualmente detalhados de orientação em análise.